

pareamento sem estatutos nem qualquer pau-
 ção oficial, apenas pretexto para acaluar
 um pouco a furia destruidora de que se
 apossou há tempos a gente que governa em
 relação a Coimbra.

O Carv.º Lucas solicitou a mi.ª presença
 na primeira reunião que se realizou no seu
 escritório no dia 6 de Janeiro — dia dedicado
 aos Reis — o que, para um monárquico co-
 mo ele, poderia ter significação...

Lá fui um tanto ou quanto contrariado
 e apenas por não vencer o maldito tempe-
 ramento que tenho de não saber dizer redun-
 dantemente o não, claro e simples. Lá fui a
 hora marcada.

O Carv.º Lucas poz á frente do grupo a
 figura de prestígio do Armaudo Leal Gouçal-
 mes que lá estava, avultado, com 4 dedos
 e menos nas mãos por efeito do radio mas
 sempre com o seu espirito vivo e um tudo
 nada "espadachim". Concorreram o Alberti-
 nho Dias Pereira, o velho José Ernesto Mar-
 ques Donato, o Antonio Luis Marta, o nego-
 ciante Abilio Augusto dos Santos, todos co-
 ntimbricenses de nascimento e mais ou
 menos interessados na terra.

Depois dum discurso do Carv.º Lucas lançáram-se as bases do agrupamento e tomáram-se resoluções. E de então para cá convocáram-se mais comimtericenses como o lic.º Ant.º Alegre Martins, sobrinho do sr. Vro, actualmente secretario da Relação, e o engenheiro João Dias Urbano; e alguns de adopção como o P.º António Nogueira Gonçalves, o negociante e antigo vereador João Simões, e não sei quem mais que ainda não appareceu.

Fizeram-se visitas ao Presidente do Câmara, ao Governador Civil, ao Reitor da Universidade e á Associação Académica cujo Presidente foi solicitado para fazer parte do grupo. E hoje, para cumulo de trabalhos, foi resolvido ir a Lisboa com uma delegação para ao sublime Patrião, ao proprio Salazar e quem se quer expr. um certo numero de problemas que contendem com monumentos e locais historicos da cidade.

Eu não tenho entrado nas discussões e apenas vou ouvindo e observando, mantendo o meu ceticismo e convencido de que a tentativa não dá resultado benefico e, antes pelo contrario, poderá dar qualquer

reusabaria. Mas, enfim, vou ouvindo e observando e ainda me dou por satisfeito pelo facto dos componentes do grupo não se lembrarem de ir cumprimentar o Bispo... Seria a occasião de eu tomar a palavra e desagradar. Mas não, ainda não soui falar em tal personalidade.

Válha-nos isso.

É cá fico á espera do aviso da ida a Lisboa — se o Patrão conceder a honra de nos receber e nos ouvir.

Lisboa:

Fevereiro: 16.

Novamente na capital do Imperio. De novo nesta barafunda de vida, neste constante tumultuar de audições e malquerenças. Cada vez mais movimento, mais encontros, menos respeito pelos direitos alheios. A mesma desfaçatez nas reuniões que parece quererem a completo emancipação... A mesma razão mais lufala, como quem recia sempre chegar tarde e de quer que seja.

Todos dizem, parem, que é mesmo assim. Assim seja, pois.

Não valerá a pena o pequeno incômodo de pensar o contrario.

Deixêmos correr o tempo que, segundo parece, vai correndo suavemente para todos. Assim seja, refilô.

Lista:

Fevereiro: 26.

Recebi, ha dias, o aviso de que a vinda a Lista dos Alunos de Coimbra e o encanção com o Patrão seria hoje, 26, ás 18 horas. O Carvalho Lucas preveniu-me de que a concentração (termo militar, co'os diabos!) seria no café Nicola, no Rossio, ás 17 horas e daqui seguiriamos para o Santuario.

Lá fui ao Nicola, á hora agendada. A tarde estava fria como o diabo; churiscos de neve, vento norte ou nordeste agressivo. Tudo convidava a ficar em casa, a ver por detrás dos vidros os outros passarem na rua acouchando as golas dos casacos. Mas, enfim, lá fui e lá me encontrei com tres representantes do agrupamento: o Carvalho Lucas, o João Simões e o D. Manuel de Vascelos — isto é: a representação do direito e, por consequencia, das leis, do bo-

comercio e Industria, da Aristocracia e da grande Lavourea e finalmente do Exército que o Patrão com muita razão, deve abarrecer cordalmente.

Um Taxi levou-nos á casa particular, aqui vizinha, na rua da Inconfreusa, á Estrela; ~~por~~ inspeccionados pelo olhar arguto dum homem gordo e agalado, entrámos no jardim da casa apalaçada que primitivamente foi residencia expressamente feita pelo velho banqueiro Soto-Maior para uma das suas amantes preferidas. Com a morte desta dama o edificio passou para o Estado e destinou-se para residencia do Presidente do Conselho.

A substituição prestava-se a commentarios se eu estivesse apara com bossa para a taracha.

Adiante.

A porta abriu-se; uma creadita farda da como nas commédias finas indicou-nos, ao lado, uma porta. O atrio estava mobiliado com luxo, tapetes, quadros, moveis ricos; e a sala para onde entrámos apresentava aspecto ainda melhor: um parco de Arrhar ao fundo, cobria toda a parede, pa-

nos do rec.º XVIII em dois intervalos de jor-
tas, quadros, móveis bons antigos ou fin-
gidos com candeeiros, castiçais e estatue-
tas finas, e numa cómoda com rico relo-
gio monumental d. Maria I que trabalhava
na e estava certo.

Ambiente um pouco fresquinho, talvez,
certa severidade, mas agradável. Tempera-
tura de verão e luz ligeiramente velá-
da. Enfim, cenário próprio para o apa-
recimento dum grande homem perante
uns poltrões mortais.

O grande homem não se fez esperar.
E o mais curioso é que ele entrou, natu-
ralmente, como qualquer outro, sem jó-
gos de luz ou trovada de latas velhas de
efeitos cênicos como nas magicas. Não:
o homem entrou, muito naturalmente,
deu um meio abraço ao Carv.º Lucas e
cumprimentou os restantes com ar afec-
tuoso. Mandou-nos sentar e tomou lu-
gar numa poltrona onde havia varios
botões de campainhas electricas. Alguma
delas seria para a policia?...

Enfim, o Carv.º Lucas começou a ex-
posição, lenta, como é seu costume, com

prejuizo do pouco tempo de que dispunham até á hora do comboio; affirmou que os que lros presentes tinham atrás de si a gente boa de Coimbra e todo o palacado levou uma ou outra amabilidade talvez escusada e não sei se merecida ao grande homem que se viu impassivel a demorada arenga não sem deitar, de vez em quando, como quem sabe o valor do tempo, um olhar furtivo p.^o o relógio monumental.

Terminada a exposição e entregue o já falado memorial que se levava p.^o melhor com crexizações dos assuntos, o Salazar começou a falar e expoz os seus pontos de vista com clareza, diga-se a verdade, dando-me a impressão de que se interessava por Coimbra mais do que eu pensava.

Declarou que Coimbra e o seu rio são, para elle, « uma maravilha »; que, quando vai para o norte e chega á curva da estrada na altura da Quinta da Machada, quando sem pre parar o carro, apeia-se e fica a contemplar por um bocado « aquella belleza empolgante »; que o Mondego é um rio « de encanto » que o coimbricense não aprecia devidamente; e teve esta frase dita com cer-

to ar de descausado e de pessoa desanimada:

— Coimbra, quer-me parecer que está mais feia...

E como eu, sem querer, fizesse um movimento afortunado de cabeça, ele olhou para os quatro e acrescentou:

— Pais não é verdade?

E citou construções feias, o desenvolvimento irregular da cidade, o mau efeito do bairro económico do Calhalé visto do Penedo da Saudade, etc. etc.

O homem desabafou...

Pareceu-me que gostava, realmente, de Coimbra e talvez por isso concordou com o que se lhe disse e prometeu mandar estudar o que se lhe propunha.

Falou ainda das dificuldades que havia quanto ás exigências dos estudantes. Estes pediam tudo, queriam tudo e mais alguma coisa. Queixou-se mesmo das exigências dos rapazes; e com a ~~habitual~~ ininterrupta expressão habitual acrescentou que apenas se não pediram a organização de horários razoáveis para terem algumas horas em que podessem estudar... E esta foi a única graça que lhe ouvimos.

Notei que, em toda a conversa, ele não surprezava a primeira pessoa; dizia sempre «vai-se estudar...» ou «já se ventileu o caso...» ou «pode-se mandar fazer o estudo...». No subretexto, deixei dum tom sem dúvida amavel e conciliatorio, notei tambem que falava como dono ou patrão, que mostrava certa firmeza no que dizia, firmeza amavel que não deixava grandes aberturas para discutir.

Pareceu-me, pareceu, que teria vontade em atender os nossos propositos e com um á vontade a que achei graça porque quebrava a anterior impassibilidade, poucos depois das 18 horas, olhando para o relógio monumental disse-nos:

— Mas os senhores não perder o comboio...

O Carv.º Lucas como é surdo e não ouviu bem o dito, queria insistir ainda em certos pontos e foi demorando — até que o grande homem teve que descer á terra e ser bem claro:

— Não os quero mandar embora, mas a verdade é que o comboio não espera e os senhores perdem-no.

Levantámo-nos e fizemos as despedidas. Ele mesmo abriu a porta da rua e eu não estive com cerimonia e vesti o meu sobretudo antes de sair — operação que ele, deus craticamente, fez meação de ajudar. De fóra vinha o ar agreste da noite e apesar disso ele saiu ao patapear da escada exterior de pedras para fazer os seus cumprimentos. Eu ainda lhe disse:

— Sr. Dr. não páia, que a noite está desagradavel.

Ele encolheu os ombros e respondeu:

— Eu estou habituado.

Do fundo da pequena escada voltámo-nos para as ultimas cortéias e eu vi-o entrar no Santuario, serenamente, enrolando o memorial que lhe deixámos. E a figura sinistra do jesuita que encubria o seu desdém pelos subditos, durante a conversa, com a apparencia de amabilidade burguesa vulgar, desapareceu á minha vista.

E eu pensei, então, enquanto percorria o bocado do jardim até as grande portas da entrada, como foi possível concardar em acompanhar os amigos de Coimbra sem quebra a minha natural intransigencia.

Coisas da vida que ás vezes aconteceram.
A m.^a curiosidade de observar e memo-
rialista, naturalmente na luta do subcon-
sciente venceu a repugnância.

Assim seja.

Os tres amigos meteram-se no taxi
para verem se ainda apauhariam o comboio
e eu vim para casa e reuser o encontro e
as particularidades que a m.^a observação
pode notar.

E aqui ficam, mais ou menos, as im-
pressões do momento. O grande homem en-
deusado, se bem que mantendo a solenidade
requerida, descêra á terra...

Eu, pobre mortal, é que não subi ao
céu: contentei-me em observar o ditador
e imaginar o que haveria ~~em~~ dentro de toda
aquela urbanidade...

E pronto.

Lista:

Fevereiro: 27.

Os jornais dão a noticia da morte do dr.
Luis de Silva Ribeiro, em Beira do Borsismo.
Mais outro companheiro e amigo que par-
te definitivamente.

Conheci-o em Coimbra quando para lá foi estudar Direito. Dei-me depois bastante com ele, acamaraado até em sociedade: secretas em que ele adoptara o nome de Alexandre Herculano — realmente um tanto ou quanto adequado ao seu espirito pouco communicativo.

Depois de formado voltou para a sua Ilha Terceira de onde veio apenas umas duas ou tres vezes em occasias de reuniao do curso. Ia sempre a Coimbra, sempre um tanto ou quanto emmerado da terra em que passou uns anos amênos e de qual, em cartas, sempre falava com saudade.

A certa altura da vida, ainda relativam^{te} novo, a doença impossibilitou-o p.^o vários embora continuasse a trabalhar com afino e até fundasse o Instituto Historico da Ilha Terceira, tarefa meritaria que sustentou durante uns dez ou onze annos. Emueheseu, precocemente, e fizicamente era, como elle dizia, «uma ruina.»

Mas o espirito sempre vivo e atento e capacid.^e de trabalho que não cedia muito com a invalides fizica. Ainda no anno findo conseguiu comemorar o centenario

da morte de Garrett e publicou umas cartas dum Terceireuse p.^o o Poeta.

Enfim, o espirito de pauperado não resistiu a qualquer abalo mais forte. Caiu, certamente, no seu posto de trabalho. E lá foi mais um companh.^o e amigo para a viagem definitiva.

Lisboa:

Fevereiro: 28.

Morreu outro mais outro da minha geração: o dr. Anselmo Ferraz de Carvalho. Tinha com ele apenas relações cerimoniaes mas tratou-me sempre com toda a deferencia e atenções.

Era um homem de ciencia, trabalhador probo e modesto. Não alardeava sabença como muitos sabios que por aí pululavam, mas creio que, na sua especialidade, era um verdadeiro sabio, mais conhecido lá por fóra do que no País.

Agora, o Instituto vai ficar sem cabeça; já se falava no Pacheco de Deusim p.^o a successão; ~~isto~~ sendo assim, a Reacção tomará conta do mundo e teremos muito que contar.

O dr. Anselmo, em politica, era um tanto seu quanto impetuoso; mas era sério e seguro nas suas convicções. Vai fazer falta ao Instituto não só pelo seu prestígio científico como pelo seu caracter.

Lisboa:

Março: 1.

Tive hoje encontro com o Pires Monteiro e, por consequencia, tava conversando que ver com acerca de variados assuntos.

Um deles foi o artigo do ult.^o numero da Revista Militar relativo á morte do Norton de Matos. A Revista dá sempre solemnidade ~~em~~ á comemoração principalmente quando se trata de societario de certo vulto e é costume o artigo necrológico ser feito por socio que me-ther conhecesse o morto e sair com assinatura do autor. Ora no caso presente, o general Teixeira Botelho não entregou o encargo do artigo a ninguém, com medo de qualquer descaída politica e resolveu fazer ele o trabalho. ~~com~~ O Pires Monteiro ainda sugeriu o nome do Ferreira Martins que lidou de perto com o Norton; mas o general presidente, do alto dos seus teimosos movimenta

anos, não fez caso da sugestão e escreveu o artigo que pouco mais é do que um extracto da folha de serviços do morto e com a agravante de vir sem qualquer assinatura, o que corresponde á responsabilidade da direcção da Revista.

E aqui está como a Revista Militar comemora o desaparecimento de um dos meus notáveis socios e, inadvertidamente, um dos portugueses dos ultimos tempos que ficará na historia politica e, especialmente, na historia colonial. O medo... o medo aos movimentos e um anos!

E o mais curioso é que o general Teixeira Botelho mostrou-se irritado, dentro, é claro, da sua estreitada educação, quando o Pires Mont.º lhe falava no Norton de Matos e na justiça de uma homenagem condigna.

Casas pouco confortaveis.

Durante a nossa deambulação, encontramos o Antonio Ribeiro de Carvalho a quem fui apresentado. Não direi que o achei velho; mas como tinha na memoria de ha uns 30 anos um rapaz estulto e desempenado, estranhei ver um homem levemente encane

eido, despreendido no traje e modesto no falar — se viu que mantendo ainda certo apuro e modos sécos.

Julgava-me ele filho dum certo adual do Belisario Barbosa, que morreu coronel de Infantaria, official de modelo auctivo, régido, disciplinador, de prolixidade com pouco fora do tempo, de quem o pai dele, Ribeiro de Carvalho, falava com admiração e amizade. O meu nome de baptismo arripinára a confusão; de mais, expliquei eu, os temperamentos dos dois Belisarios eram bastante diferentes...

Lisboa:

Março: 3.

O Collegio Militar celebrou hoje mais um anniversario da sua fundação. Houve, por consequencia, festa rija na qual o tenente João Lima teve que fazer a allocução solene perante os alumnos em parada.

Fui lá por atenção para com o Cristiano; festas militares dispendio-as de boa mente. Mas lá fui. Tarde churisqueada, com m.^{ta} humidade e frio. No claustro, onde se realizou a parada, estava muito des-

agradável. No entretanto, os visitantes enchiam os espaços vazios: antigos alumnos do Collegio, ~~alunos~~ famílias dos rapazes actuais alumnos, etc. etc.

Formatura, continencia á bandeira, homenagem ao fundador prestada em frente ao seu busto em bronze, discurso do director e ... alocução do Christouad.

Não traria para aqui este episodio se não fosse o reparo que fiz a certo passo da alocução, aliás bem escrita e bem orientada, fôra, até, dos moldes vulgares de tais discursatas. O reparo é simples: quem do referir-se a velhos alumnos que depois na vida pratica tiveram situações de relevo ou por qualquer motivo se notabilisáram, só citou os modernos nomes da actual situação politica: Gomes da Costa, Carmona, não sei quem mais e até o proprio Craveiro Lopes, actual Presidente da Republica.

Ora a alocução, orientada no sentido pedagogico e feita com certa elevação, não exigia que se citassem nomes de velhos alumnos. Para que não, pois, essa nota escusada? E vindo ela porque é que se não citaram outros nomes não menos ilus-

três ou até muito mais illustres? Não compreendi... O Cristiano não é creatura de pulsarências ou saluíficos; e não creio que ele esteja convencido de que os nomes citados correspondam a expoentes verdadeiros.

Não sei. E como não sei... passa-se adiante e o Mundo que continue a rolar por esses espaços fôra.

Lisboa:

Marco: 11.

Hoje, á tarde, concertó no Teatro S. Luis pelo agrupamento Collegium Musicum Italicum que só tocou peças de Antonio Vivaldi.

O programa, á primeira vista, pareceu-me monotono: só Vivaldi! Mas qual!...

Vendo de lá não direi maravilhado para não dar impressões de exapêro, mas verdadeiramente encantado. Sua beleza de musica, que perfeição de execução, que admiravel conjunto! E, dentro da maneira propria do autor, que variedade de temas! No programa, o Lopes Graça fala na extraordinaria invenção musical de Vivaldi e na sua maravilhosa fantasia; na verdade, só assim

com tais qualidades, é que um autor se põe de tocar durante um concerto inteiro sem provocar cansaço dos ouvintes e, pelo contrario, deixando nos ouvintes uma impressão de encantamento.

Bela tarde, grande tarde!

Era para que, durante a tarde, meu tudo fosse extase e concentração, deu-se um episodio curioso que não quero deixar de mencionar como curiosidade. No intervalo do concerto subi ao antigo foyer do teatro hoje convertido em elegante mostruario de roupas e de joias caras. Muita gente, muito luxo; ouviam-se conversas em varias linguas; atmosfera carregada de fumo perfumado; etc. A certa altura, sem querer, dei um encontro com um individuo qualquer. Voltei-me logo com um delicado: "Pardão!". O individuo tambem se voltou e balbuciou um amavel: "Pardon,!"...

Era sua magestade o rei Humberto de Italia!...

Segui o meu caminho como se o encontro fosse dado em qualquer lugarejo da minha terra; mas ao mesmo tempo pensando em como os reis andam cá tão

por baixo que, sem mais nem menos, já
estávamos com qualquer cidadão — e neste
caso, bem suspeito...

Enfim. São as voltas do mundo...

E ainda bem.

Lisboa:

Março: 13.

Nesta rua onde meço que afinal é rua
de terceira ordem pouco mais ou menos, há
durante a manhã um aspecto da vida da
capital que muitas vezes me impressiona:
os preparos dos vendedores ambulantes.

Há uma mulher, vendedora de peixe,
cujo preparo me impressiona especialmente.
A voz é já rouca; sente-se que lhe deve
ser m.^{to} penoso o grito; o seu aspecto é mi-
seravel — mas o afan com que rola a rua
e larga, com pequenos intervalos, o preparo,
mostra bem a necessidade de ganhar alguma
coisa. Coitada da mulher!

E isto é todos os dias, mais ou menos
à mesma hora. Espreito-a por detrás das
cabinas, quasi sempre, com curiosidade
valer de veria; e deixo de mim para mim que
a Sociedade está maravilhosamente organi-

sada e, como queria o patrio Pauposo, tudo vai correndo no melhor dos mundos...

O mesmo penso, muitas vezes, á noite quando me deito, depois de ler no termometro exterior que o mercurio está a 2 ou 3 graus acima do zero; o calor da cama e certo conforto do quarto trazem-me ao pensamento os milhares de creaturas humanas que áquella hora estarão a tremer de frio, por barracas esturadas ou recolhidas em qualquer recanto de portões fundos.

Não ha duvida que o Sociedade está maravilhosamente organizada.

Coimbra

Março : 21.

Aqui estão, novamente, em casa. Cheguei sem novidade na viagem de carne boia; apenas com o ~~sem~~ desgosto resultante da morte de dois companheiros que os jornais annunciam com a natural indifferença do viciario vulgar.

Um foi o João Passos Pereira de Castro J.^o meu condiscipulo da Escola do Exercito, bom amigo, espirito alegre, homem serio, com grandes qualidades intellectuais mas dotado

de bom senso e bons sentimentos de tolerância e compreensão. Era um excelente companheiro que eu gostava de visitar quando ia a Lisboa e que ontem ainda vi, dormindo do delírio da acção da morfina, umas horas antes de morrer.

Tremendos momentos. Saí do quarto impressionado, depois de me despedir do filho que me disse que a causa da morte era meu mal mais meu mal que o cancro nos ossos. E o bom Passos dizia-me, com o seu constante bom humor, que os seus males eram a descalcificação dos ossos e o reumatismo — males com remédio, segundo os médicos diziam e ele acreditava.

Bom Passos Pereira de Castro!

Mais outro arrimo que desaparece...

→ U. pag. 287 fim do vol.²

O outro morto que os jornais meucis nam era o Agafito Pedroso Rodrigues, jurista e companheiro de outros tempos, antes de ele entrar no caminho da diplomacia. Não o sabia deente; foi para mim surpresa a morte dele.

Falarei ~~em~~ qualquer dia. Por hoje basta de impressões desagradáveis.

Coimbra:

Março: 22.

Ainda mal refeito do abalo causado pelas mortes do Passos Pereira de Castro e do Pedroso Rodrigues, mais outro golpe veio ajudar o mal-estar em q. me sinto: morreu hoje, de manhã, o fluminense Barja dos Santos Pinheiro.

Era um bom amigo, sempre abripado na sua correcta modestia, mantendo sempre com deferencia a distancia que vai dum barbeiro a um official do exercito, como se houvesse alguma distancia apreciavel. Bom homem, letrado e digno, ~~com~~ conseguiu viver com afurno uma vida errada devido a preconceitos paternos.

O pai queria que elle fosse medico; o rapaz, desde m.^{to} novo, revelava tendencia differente: queria fazer os cursos de physica e quimica das Escolas Industriais e dedicar-se a preparar nos laboratorios das mesmas escolas. O pai teimava; meu tio Albino da Silva interveiu a favor do rapaz, procurou convencer o pai (Francisco Barja dos Santos com barbearia e amolacao no Almo de Baixo, atroz de igreja de S. Bartolomeu) de

que seria grave erro contrariar a vocação do filho; ofereceu-se para auxiliar, no que podesse, a carreira desejada. Mas tudo foi inútil. O velho « mestre Francisco » como nós lhe chamávamos, foi irreductível e, ao fim de discussões caseiras e inquietações de família, disse um dia ao filho:

— Se não quizeres ser medico, ficas barbeiro!

E o rapaz respondeu logo, movido por um pulso de caracter mas possivelmente com irreflexão:

— Pois nesse caso... ficarei barbeiro...

E ficou barbeiro e amolador (no que era aliás habilissimo) toda a vida, para manter a afirmação feita solenemente.

Foi, pois, um transviado, ao tempo dos seus quasi 73 annos. Inteligente, trabalhador, excellentê chefe de família, cumpriu os seus deveres de cidadão com irreflexivel correccão. E fiquei-lhe deverido uma boa amizade a que ele dava feição respeitosa que eu fingia não perceber; que era solida e affectuosa como só os espiritos bem formados são capazes de ter; e que, nestes tempos

de confusão e egoísmo, constituem um caso raro e bem consolador.

Pobre Hermenegico Barja! Sofreu muito, na infância — como se a Natureza quizesse pôr à prova as suas qualidades de bondade e de capacidade de sofrimento.

Coimbra:

Abril: 23

Hoje, ao acompanhar ao cemitério o corpo do Hermenegico Barja dos Santos, notei grande movimento de carros e de gente "fina", da "alta sociedade", coimbricense no mesmo sentido. Vim a saber que morrera também em Lisboa a Maria de Paula Aires de Campos, filha do conde do Ameal e viúva ou divorciada do dr. Guitherrmino de Barros, e que se esperava a chegada do corpo, a toda a hora, para as cerimónias fúnebres.

A morte desta senhora trouxe-me recordações da mocidade. Ela era rapariga do meu tempo de rapaz; tinha uns olhos brilhantes, um rosto moreno que sem ser tipo de beleza era de superior expressão. Eu notava-a por esse conjunto que me fazia lembrar seu passar, e' claro, de muito tempo.

gingua apreciação; olhava-a sem que-
rer dar na vista e apenas por me regalar
na contemplação furtiva dos seus esplendi-
dos olhos. E o tempo passou. Veiu a ce-
sar com o Guilherme de Barros que não
era homem para ela; a vida conjugal em
pouco tempo desfêz-se porque ela deitou
às ortigas o quanto da fidelidade conjugal...
Veiu a separação inevitável e a Maria de
Saude, estabelecida em Lisboa e á vontade,
viveu uma vida de aventuras até quasi
á velhice.

Ora estas palavras que aí ficam foram
provocadas pelo seguinte: vim a saber, muito
to tarde já, que a Maria Aires de Campos
reparára nos meus olhares românticos
de rapazinho platónico; um dia disse-o a
meu.ª filha, que encontrou, já esta era mulher-
zinha, em casa do Azeiteira Lobo. Com certo
descaramento que aliás lhe era próprio e na-
tural, disse-o e acrescentou o parecer
curioso:

— E olhe que meu pai era um lindo ra-
paz...

Esperava-se nas minhas recordações
de rapariga de sangue quente; mas a con-

fissão não deixa de ter graça e de prosnelmente me lisarpear. E aqui está como a Kristera ~~em~~ causada pelo enterramento do neto Hermenrico Berja teve um parêntese que me desviou a atenção por uns momentos para evocações da mocidade.

Crimbra.

Abril: 9

Fomos hoje a Góis comer um almoço á familia Baeta da Veiga.

Dia excellenté, boa temperatura se bem que com certa nebulosidade que não deixava ver ao longe com nitidez. Estrada da Beira fóra, Foz do Arco, Lousã, Vilarinho, Portela de Albergaria, Portela de Góis, as paisagens succediam-se com encantadora variedade.

A vila de Góis lá estava, na sua fundação baixa, nesta altura cheia de verdura; lá estava na quietação de seculos, com a apparencia de atêis ao que se passa para além das serranias que a encolhem parece que avaramente. Mas que bello conjunto de serra e marzeas! Ao descer pelas curvas constantes da estrada desde a Portela tem-

se a impressão de que se abandona o mundo e se mergulha no esquecimento.

Que bom que é sentir a impressão do isolamento e de que se está longe da barafunda do mundo moderno!

A vida em Góis deve ser estéril, bem sei; há, até, a tradição das más vontades entre agrupamentos de famílias a que, noutros tempos se chamava, creio que com propriedade, a «rainha de Góis.» — rainha que provavelmente viria dos seus primeiros possesores, os esforçados campalheiros de Afonso Henriques.

Seja como for. O que sei é que o dia passado ali, no sossego e abandono daquelle grande valeiro — foi de verdadeira consolação.

E ao entardecer, a passagem pelos penhascos da S.^a da Caudosa sobre o beira, pacientemente, durante seculos, abria ~~para~~ ~~o~~ a pitoresca brecha — foi realmente quasi comovente para o dia tão agradável e leve corrido. Ainda ás vezes, no meio de tanta amargura, surge uma ou outra hora consoladora.

Coimbra :

Ateril : 17

Hoje, ha jogos de foot-ball sensacionais segundo parece, pelo País. A movimentação de carros e carrinhetas é assombrosa. Ha comboios especiais com composições tão grande que não cabem nas estações como aconteceu hoje a um que veio de Lx.^a e que parou na Avenida Navarro para mais facil desembarque.

A Emissora Nacional, de certa altura em diante, só se ocupou dos desafios; nas praças ha aglomeração de gentes perante os amplificadores de som para se seguir este ou aquele jogo nesta ou naquela terra.

Em Coimbra, hoje, andam tudo maluco porque o Benfica veio jogar com a Academica; a cidade encheu-se de gente estranha; ouvia-se o berrinar dos claxon por toda a parte e constantemente.

Leucura colectiva?

Ou será assim o verdadeiro desporto?

O que sei é que, com certeza, tres quartas partes do País estiveram suspensas ~~em~~ ~~de~~ da maior ou menor habilidade dos jogadores da bola... Isto é, todas

as atenções se concentraram nos pés de certo numero de rapazes que se convencionei ou chamar atletas.

É pronto. É viva a Inteligencia...

Coimbra

abril: 18.

Hoje, ao ler umas paginas do livro celebre de Alexis Carrel: L'homme est incon-
nu, lembrei-me da consulta que ha dias me.^a Filha fez ao Miguel Barpa e a que eu assisti.

Depois do exame e de expôr a sua opinião acerca do real, entrou na apreciação do actual estado da medicina e no criterio da grande maioria dos meus colegas. É dizer que a medicina não se preocupa muito com a natureza psicologica do homem e da sua individualidade, reduzindo as suas observações a casos particulares, etc. etc. Alegou as deficiencias do ensino universitario que fazem com que um rapaz, recebido de sua carta de medico, venha para o mundo desprovido das noções necessarias para distinguir no doente os caracteres proprios, etc. etc. Foi uma bella lição dada com a sua

maneira um pouco rude, mas com admirável clareza. Sentê-se encastó em ouvir as suas conversas e a sua fisionomia que lembra a de certos quadros de pintura primitiva, parece transfigurá-lo.

Grande medico, talvez, perdido na barra fundo deste mundo egoista e material.

Ora isto veio a proposito da leitura dos ~~capitulos~~ paragrafos I a IV do cap. VII do livro de Carrel. Não sei se me fez perceber mas o que aí fica é o que sei exprôr.

Cimbra:

Abril: 20:

Estêve aí, e representou no teatro Auerm da a peça As mãos de Euridice, o discutido actor brasileiro Rodolfo Mayer.

Parece-me que, na verdade, se está na presença de um verdadeiro actor. A peça está feita em moldes novos; mas o intérprete sem deixar de ter a arte de representar de todos os tempos, apresenta qualquer coisa de novo que se não apavia logo mas que deixa no espectador uma sensação estranha de admiração. Foi, pelo menos, o que a mim aconteceu ao ouvir e ver o homem no pal-

co e ao voltar para casa e a querer recuar
 viver o magnifico espectáculo.

Na verdade, um grande actor.

Coimbra :

Abril : 22.

Hoje, eleições no Instituto de Coimbra p.²
 novas corpos gerentes. Como atraz deixei di-
 to⁽¹⁾, com a morte do dr. Anselmo Ferraz de
 Carvalho e a ascensão á presidencia do dr. Pa-
 checo de Azevedo, o Instituto poderia cair
 nas mãos da reacção. Fui lá para verifi-
 car o que se passava.

Realmente, o Pacheco de Azevedo foi o
 eleito; e o João Pereira Dias ficou vice-presi-
 dente. Isto é um reaccionario e um esta-
 fermo adaptavel a tudo...

Bem sei que o Instituto necessita de al-
 guem bem aceite pela actual situação politi-
 ca; o dr. Anselmo nada conseguia por ser
 contrario. Mas... nem tanto ao mar nem
 tanto á terra. Vamos a ver ^{que} quem. Ao me-
 nos, o Pacheco de Azevedo é pessoa simpáti-
 ca e homem compreensivo.

⁽¹⁾ A pag. 169 deste volume.

É já agora . . . sempre quero contar que estava presente, na sessão, o Luis dos Reis Santos, de braço ao peito, porque quebrau, devido a uma queda, o braço direito. Como está professor da Facult. de Letras, torna ares este drabicos e já me fala com ares superiores e importantes.

A figura é que está cada vez mais suspei-
ta; não sei porquê, acho-o com ademanos al-
go equivocados, e mais me confirmam a má
impressão que tive ao falar-lhe pela primeira
vez, ha anos — como aqui deixei escrito.

Enfim, adeante. Isso é lá com ele. O que
me leva a este tipo de comentario é o leu-
tar-me da maneira humilde, quasi, com q-
se me dirigiu quando se me apresentou, co-
mo quem pede protecção; e o reparar nos
modos inferiores e superiores com que ho-
je me fala, de cima para baixo, de homem
superior para qualquer pobre diabo.

Por este andar temo-lo qualquer dia de
sapêlo e tanta hominis causa. O diabo o ju-
re . . . a Universidade tem poderes para es-
ta como para outras asneiras: refiro, o dia-
bo o jure . . .

Coimbra

Abril: 26.

Ontem concerto do Circulo de Cultura Musical, o 4.º concerto com o violinista francez Charles Cyrulnick.

Tocou Beethoven, Brahms, Glazourof e Ravel. Excelente artista, ainda novo, com 33 annos, seguro do que toca e como diz o programma com « qualidades autenticas de tecnicismo » — eu seja o que hoje chamam « virtuosismo. »

Mas... não sei porque, deixou-me frio; e na sonata de Beethoven que aliás tocou muito bem, não me deu a impressao do grande génio do homem da 9.ª Sinfonia.

Seria pelo exagerado virtuosismo? Seria porque hoje, nestes tempos de velocidades e positivismos, os artistas pintam a tentação dessa presteza de dedos, desse realaburismo que deixam o curvinte de boca aberta?

Quando oigo estes artistas do violino cujos dedos assombram pela rapidez quasi se pode dizer acrobacia — eu penso na arcade do velho Caggiari, o velho Julio Caggiari que fez as delicias da 1.ª mocidade ouvindo-o no sexteto do Casino Peninsular da Fi.

queira da Foz, com o consciencioso violoncelista Morais Palmeiro. Que estufendas arcaicas! Já hoje se não ouvem.

Parece que a quadra que atravessámos dirige ao abandono desses processos a que talvez chamem sentimentais, para se lançarem no «virtuosismo» trepidante, excitante, malabarista...

Assim seja e... bom proveito.

Coimbra:

Abril: 29:

Ora hoje, anniversario da Carta Constitucional de 1826, deu-se começo um episodio curioso que não deixa de merecer referencia neste amontoado insulso de noticias.

Dirigi-me ao Arquivo da Universidade para saber o que havia de responder ao Guilherme da Assunção, de Mafra, que me sollicitou informações acerca da vida conventual do convento joannino. Entrei e subia vagarosamente a escada para o 1.º andar, quando uma voz me disse lá de cima «que tirasse o chapéu...»

Olhei e vi um rapazoto, em mangas de camisa, ao cimo da escada; muito natu-

reluctante, frequentei se era comigo que falava; o rapaz repetiu a intimação e acrescentou que eram ordens.

Nesta altura, senti qualquer coisa que subia por mim acima e disparatei... Ali, numa escada, tirar o chapéu?... E por ordem superior?... Não e não!... Que ficassem em boa paz que não acabava ordens e sufrições!... Etc. etc. Berrei e barafustei e... saí alterado — o q. sinto me não faz bem. Vim para casa indignado.

A ordem será do Mario Brandão? A quem me queixar? Contra quem protestar? Cheguei a casa mal disposto, com as pulsações apressadas e um pouco de tontura.

Ora os estúpefos!... Que não para o raio que os parta — para não dizer coisa pior.

Coimbra:

Mais: 4.

Hoje, em conversa com o Heliodoro Veiga, pai do licenciado em Letras Paulo Veiga a quem eu ia procurar, no ult.º dia 29, ao Arquivo da Universidade onde é archivista e segundo me dizem, competente — contem-

me aquele que o filho lhe fôra relatar, aborrecido, o incidente que se dera comigo e que no Arquivo o caso foi falado entre o pessoal superior — lastimando todos o sucedido.

E o mais curioso é que, no dia imediato, o general Sousa Gomes que opera comanda a região, foi ao Arquivo para falar com o Aluel de Almeida e Sousa e ao subir a escada recebeu a mesma inibição a respeito do chapéu — inibição com que reboantei e por causa da qual, como eu, fiz barulho e levantei protestos.

Ainda bem! O meu protesto teria passado como madureza; mas o do general já representa mais alguma coisa e sempre pode dar algum resultado.

Vamos a ver...

... E eu, impénuamente, a julgar que me dessem alguma explicação ou algumas desculpas!

Sual! O caso foi discutido, falado e mais nada. Possivelmente foi levado em conta de caturrice — e assim ficou.

Eu, porém, com a caturrice fico e não volto lá. Que tenham m.^h saúde.

Coimbra:

Mais: 6.

Encontrei hoje, na rua de Tomar, o Pedro de Moura e lá que sabia pacatamente com livros debaixo do braço e folheando um deles. Quando o encontro em Lisboa é sempre assim: livros debaixo do braço e em braçada e folheando qualquer deles.

Aquele rapaz deve estar repassado e bem repassado de leituras...

Quando me encontra faz-me sempre aquele acolhimento; mas hoje foi mais longe porque acrescentou às usuais banalidades do encontro casual:

— Eu leu-te-me sempre da influencia que V... teve na minha mocidade. Não esqueço o que me devo...

Perante um gesto meu de certo espanto e de duvida, ele acrescentou e serio:

— Creia no que lhe digo, que é dito sinceramente.

Na verdade, quando ele era garoto e lis a torto e a direito e queria ter opiniao acerca de tudo e de nada, como qualquer menino predepio de terceira classe, eu chamava-o

Tanto quanto podia á razão, aconselhava-o, tratava-o bem, quasi como camarada. Esta maneira de tratar com ele quando os outros o troçavam e disputavam, ficou-lhe gravada no espirito com reconhecimento; e como é creatura de boas qualid. morais não o esqueceu e confessou-o.

Eu tratei-o assim como aliás trato qualquer outro em quem reconheça qualidades apreciaveis. Notei que ele era inteligente, tinha grandes curiosid. de saber e procurei orientar essa desordenada curiosidade em certo sentido desenfreado. E foi essa a m.ª influencia que ele já ha tempos confessou a m.ª filha.

Apenas não conseguí desvri-lo do caminho integralista; outras influencias o levaram para lá, influencias dominantes no tempo dele ser estudante. Ficou Antonio Sardinha — o que não impediu de ficar meu amigo e de confessar a minha saudavel influencia.

É boa pessoa. Conta hoje cerca de 48 annos; está quasi todo branco e parece-me um verdadeiro vencido da vida. Não sei o que ha ali que o faz assim, um qua-

si velho, com ar desarrimado, e falas
 brevedas, sem brilho. É solteiro e, não sei
 porque, tenho a impressão de que é abstei-
 nido em matéria sexual. É possível que
 esteja aqui o segredo.

Cóimbra:

Mais: 11.

Ha dias appareceu-me ai um rapaz
 de familia mirandense, Luis Moura de
 Figueiredo, actualmente em Beiraueute
 não sei a fazer o quê. Tem os seus trinta
 e tal annos, forte, desempenado, e para não
 desmentir a influencia do ambiente, com
 trajo ribatejano. Contou-me que veio pas-
 sar as suas "ferias" a Miranda do Corvo e
 interessado por certos pontos da sua historia
 e em especial pelo ruorro onde existiu o
 castello, falou com varias pessoas entre as
 quaes o adrogado Carlos Batalha; todas es-
 sas pessoas lhe disseram que só em patria
 a historia da vila e do concelho — e daqui
 veio o desejo de me conhecer e de saber
 onde estavam á venda os livros que tenho
 publicado sobre a sua terra que, embora
 leve, sempre estima, etc. etc.

Se bem que habituado a estas explosões de interesse pelo passado de Miranda que, como todas as explosões, passam depressa e podem deixar uma vez ou outra algum cheiro a sulfídrico, a verdade é que não desgostei do rapaz que me pareceu um pouco mais sincero ~~mas~~ do que outros que me têm aparecido.

Contei-lhe, então, e em resumo, a "odisseia" dos meus trabalhos de investigação e mostrei-lhe as caixas dos resquetes e os volumes das cópias dos documentos. Pareceu-me que compreendeu bem a m.^a exposição.

Encerca do castelo, disse-lhe o que sabia sobre o assunto e contei-lhe a inutilidade dos meus esforços para se reconstituír a planta da fortificação e, até, a averiguação do que seria a abertura que se vê junto da Torre sineira ^a que a lenda tem dado certos fôros jurídicos. Pareceu-me, também, que compreendeu bem o que lhe disse e que seria com o maior interesse.

Chegou a hora do comboio, confessou-se encantado com a minha « lição », agradeceu muito e foi-se embora com dois dos folhetos que ainda me restam dentro tem.

jos e que ainda para aí tenho á los vida no quarto de arrumações.

Ona hoje appareceu - me novamente o Luis de Moura Figueiredo. Vinha com um de pessoas contentes e disse - me que, circumnavigado com a m.^a exposições de ha dias, fô na para Miranda e falára com varias pessoas entre as quais o Prior para se fazerem pesquisas na tão falada cisterna. Conseguida, por subscrições, certa quantia, chamaram uns homens e desentulharam a abertura onde havia terra e muitas ossadas; e chegaram ao fundo, cerca de 5 metros de profundidade, verificando pelo estado das paredes ainda regularmente conservadas que, na verdade, se tratava duma cisterna. Uns pedregulhos de que ainda me lembrava, salientes na parte superior, diz ele que desapareceram e apenas ha, num dos lados, sinais de começo de abobada certamente cobertura da cisterna. Disse ainda que escaváram exteriormente o entulho accumulado para deixárem á vista ~~o~~ os rebordos existentes e vão arranjar uma cobertura provisoria para evitar a accumulacão, no fundo, das aguas da chuva.

Enfim... o rapaz vinha contente. E de facto conseguiu uma coisa que eu nunca conseguira: saber o que aquilo era. Ficou-se sabendo agora que era a cisterna da fortificação e desfez-se a lenda das meiras encantadas que iam de noite, ao Alameda, encher as varilhas de agua...

E foi piada. As lendas são tão bonitas, algumas, que é uma barbaridade da História vir acabar com elas.

Crimlana:

Mais: 12.

Esqueci-me onde me de dizer, a propósito das pesquisas que o Luis Moura Figueiredo fez no muro do castelo de Miranda que, pelo sim pelo não, foram dando notícia nas gazetas da obra que empreendevano.

O Diário de Crimlana, no dia 7 deste mês trazia uma notícia muito curiosa que recorrei e arquivou, adiante, neste volume. "O título que deram á notícia é de arreventa."

Mas, enfim, vá lá: descubriu-se a cisterna — e com esta descoberta o caso

(1) No final do vol.º a pag. 287.

pendente do jornal espera grande afluência de turismo a histórica vila de Miranda do Corvo...

Polina gente.

Coimbra:

Mais: 14.

Ha dias, na secção dos manuscritos da Bibliotheca da Univ. de Coimbra, o lic.º Jorge Peixoto que é, agora, o seu director, falou-me no Arquivo de Bibliografia recentemente publicado, órgão officioso da Bibliotheca de que é director o dr. Manuel Lopes de Almeida; e na conversação, veio a sollicitação para eu colaborar com qualquer coisa.

— Mais colaborações! pensei eu, de mim para mim, com certo terror.

Ta-me a escusar quando me lembrei de que poderia oferecer as notas bibliograficas relativas as especies impressas na typografia de meu avô Manuel Caetano, no periodo em que esteve em Miranda do Corvo, especies totalm.º desconhecidas. E agradecendo a oferta do Arquivo, disse que, neste momento, só poderia dispor de tais notas que, me pareciam, estavam dentro de in-

dolo da publicação. O Peixoto achou excelente e o caso ficou por aqui.

Em 11 deste mês, isto é, dois ou tres dias depois da conversa, recebi uma carta amavel do Lopes de Almeida: pedia-me que lo fosse Peixoto que eu tinha « um estudo " sobre a imprensa em Miranda do Corvo, " assunto que cabia excellentemente naquelle " magna empresa do Arquivo » e não se limitava a pedir-me as notas sem a « honrar aquellas paginas » com o trabalho todo.

Hoje fui procura-lo e agradecer o convite; entende ele que o estudo ficará bem, todo ele, no Arquivo; e perante a m.^a objecção de que era um pouco extenso, elle respondeu que se publicaria em dois numeros seguidos. Quanto a gravuras com que eu quero illustrar o trabalho é que ha difficuldades, isto é, não ha verbas p.^a isso... Sempre a mesma miseria das nossas publicações! Ficou assente que eu pagaria as gravuras bem como as reparatas... A tristeza de sempre: quem trabalha é que tem de pagar o seu trabalho. Mas, enfim, eu tenho interesse em publicar a pequena monografia e afeito a maré que... me vai ficar cara.

Mas que fazer? Tem que ser assim e assim será.

Fiz o trabalho, e pago as gravuras e as separatas — para oferecer aos amigos. E pronto! É' assim mesmo.

Coimbra:

Maio: 15.

Ontem, ao regressar a casa, no electrico, depois de ouvir a Traviata de Verdi, no grande Teatro Avenida, sentei-me ao lado do Miguel Torga que tambem vinha da opera. Falou-se do espectáculo e da falta de um teatro em termos em Coimbra; mas o Torga, com gesto decidido, diz-me:

— Ainda ha pouco, no intervalo, o Octaviano de Sá me falou na falta que faz em Coimbra uma boa sala de espectaculos... Eu disse-lhe e repito, Coimbra tem a melhor sala de espectaculos do Pais e não a afrouxei-ram convenientemente... Então o sr. coronel quer coisa melhor que a Sala dos Capellos?... Ali faz-se tudo! E veja V...: aquelle conjunto, o ambiente, é de verdadeira opera; a chararmela dá concertos; alguns dos actos grandes dão para drama ou para co-

media conforme os candidatos ou os assuntos... Que mais quer Coimbra?

É neste tom, com muita graça, continuou a expôr as excellencias da Sab dos bç jels como sala de espedaculos; e a minha zêna foi chegar á parapeu propria e ter de me apelar.

É interessante foi notar que a conversação foi em voz alta e os circumstantes deviam ter ouvido: uns com gosto; outros, os baixistas que põem os olhos em alvo quando se fala na "nossa gloriosa Universidade", ouviriam com indignação.

Foi conversação para todos os paladares. No entretanto, disse, que, quanto a mim, o Miguel Torga tem razão. A ideia é exótica, diga-se a verdade; mas lá que tem carregar de razão, também é verdade.

Coimbra:

Maio: 18:

Até ir hoje, depois do almoço, para a Biblioteca da Universidade, encontrei parado em frente de uma das entradas do edificio em construção p.^a a Faculd.^a de Medicina, o senhor Joaquim de Carvalho. Gostei plausa

suas medallhões que os architectos se lembrá-
 ram de pôr, eus sobre os outros, como em
 meito do grande portal. Eu já chamára
 a atenção do dr. Carvalho para esses meda-
 lhões e eu especial para um Marquês de
 Pomal, bastante emagrecido, colocado por
 cima dum outro medallhão que representa
 um padre jesuita; hoje, como se lembra-
 se dessa m.^a alusão, meim ver e estava a
 achar interessante a colocação dos altos-rele-
 vos e da posição do marquês em relação ao
 padre.

É simples acaso no dispor das figuras?
 Intenção irónica de certo não foi; e o deu-
 tor Carvalho commentava:

— Falta aqui uma grande figura de ci-
 rurgia nacional, da cirurgia do coração...

Perante a m.^a expressão interrogatória
 ele explicou:

— ... o nosso D. Pedro I, que fez a nota
 nel operações aos matadores de Inês de Cas-
 tro, de extrair o coração pelas costas...

Eu ri-me e acrescentei:

— De-mais a mais sem anestesia...

— É verdade, respondeu ele; sem qual-
 quer especie de anestesia...

E com esta taracha nos despedimos; e eu fui pensando que este dr. Joaquim de Carvalho, nos nossos ultimos encontros que não fala da composição do meu trabalho sobre o Saldanha. Será impressado ou desconfiança minha?

Já tenho pensado numa possível re-consideração e... enfim! adiante.

O que fôr soará.

Coimbra:

Mais: 24:

Estão correndo as festas da Queima das Fitas. Hoje é o dia principal, o do cortejo, cheio de barulho, de movimento, de extraordinaria animação. O que aí vai de arrombos de fôra, ás centenas, arrumados por todos os cantos, enquanto não passa o cortejo algarico. E os rapazes e raparigas, alegres, satisfeitos, radiantes, não se lembram de que estas festas são quasi o final da sua vida académica, de que estão em vespersas de deixar a vida livre e alegre.

Coitados deles, penso eu, ao vê-los aí com a despreocupação própria da idade e do momento festivo; mal sabem eles que

a vida é dura e que, por agora, tudo é cor
de rosa e, como escreveu Tola, todas as espe
ranças são realidades.

Mas, enfim, deixa-los entregues á ale
gria; eu, que nunca fui verdadeiram.^{te} rapaz
alegre, também tive momentos de alegria —
que tenho poro bem poros.

Adiante.

Coimbra:

Maio: 25.

Hoje, procurando entender a m.^a metá Ana
Maria que veio assistir á festa académica
de ontem, fui ao Museu Machado de Castro
eude lá muito não ia.

A transformação é enorme. O museu
de arte industrial que foi sempre o sonho do
velho Ant.^o Augusto Gonçalves e que consti
tuiu uma curiosidade artística notável tão
apreciada por artistas estrangeiros, desape
receu por completo. O que lá está agora é
um museu bem arrumado, de tipo comum,
em obediência á uniformidade dominan
te. Já com o Vergílio Barreira, a obra do
Gonçalves começou a ser modificada; mas
se esperou pela morte deste que, aliás, se

avizinhava, para a transformação. E essa falta de respeito pela grande obra do Mestre não influencia pouco para o desenlace de uma vida tão meritória.

Enfim. Percorri, com a Ana Maria, as salas abertas ao publico que não são muitas; o resto está fechado... para obras. Continua pois a transformação para desaparecimento completo do que foi o museu de arte industrial tão característico e tão notavel.

Primeiro o Vergilio Correia, depois os « senhores de Lisboa » como o Reinaldo dos Santos, o Baltazar de Castro, o Gomes de Silva, Director geral, etc. etc. — toda essa pleiade de superheiros, architectos e criticos que do meino hoje p.^a quem as obras alheias não tem valor de qualquer especie. E como essa grande obra do Goucalves vinha lembrar a sua personalid.^e de tão alto relevo e, em especial, o seu intransigente anti-clericalismo, vá de deitar abaixo o museu e fazer desaparecer tudo que cheirasse ao velho democrata livre-pensador.

Acabou-se. Para que lamuriar aqui, sem remedio? As coisas são o que são e lamurias... são apenas lamurias.

Quasi no fim da visita, encontrei o director, o Luis Reis Santos. É figura que me faz certa impressão desagradavel; e agora, que está professor da Facult., e toma ares superiores, a impressão é bem fria. O cabelo cortado é garçonne, o andar esguio, a mão que estende aos outros sempre mole... Tudo me faz o efeito dum deguegado, tudo me deixa duvidas acerca da sua mentalidade e da sua moralidade.

Mas, enfim, nada tenho com isso; ele que tenha muita saúde e pronto. Demais, devo dizer: continua a tratar-me com toda a deferencia; já não é a posição humilde como se me apresentou ha tempos e eu creio aqui deixei mencionada; agora fala já com modos "professorais", mas que não deixam de ser amáveis, correctos e de certa deferencia. Ha anos era o velho diabo que queria apois; agora é o cidadão bem instalado que fala de igual para igual, embora queira parecer atencioso e deferente. De certo se ha-de lembrar da maneira como se me apresentou.

Inteligente parece que é; e está novo já, mas tem a memoria esvaída.

Coimbra:

Junho: 1.

Ha umas semanas vi no encadernador um volume para mim desconhecido, de autoria do Humberto Delgado, que me chamou a atenção por causa do titulo e do indice que logo fui ver. Mandei-o vir de Lisboa e li-o, ao principio com interesse, depois com certa impressão de nojo.

Trata-se da seguinte obra: Da Justice do "Homem patrio". (Da Monarquia de riparietas para a Republica de laudidos á ditadura de pa-pa). O titulo já cheira um pouco mal; mas o texto é, na verdade, uma porcaria.

Como se pôde escrever assim!

Proza no genero de Henrique Teixeira a quem chama, a certa altura, « mestre da Democracia. » Parece que aprendeu a escrever com a leitura do Povo de Aveiro e realen.^{te} a grossa pái desconexa, aos barbulhões, cheia de termos réles, sem tom nem som.

Eu conheci este Humberto Delgado em Vaxias, no anno de 1935, quando lá estive como Tenente-coronel; já ele tinha publicado o Linenco e Virávia, eutás, o curso do Estado-maior; era um rapazote simpáti-

co, muito correcto, com ar desembaraçado, e aspecto de inteligente. Fiquei a gostar do rapaz que frequentava muito a rua, ás tardes, pois morava num chalet quasi pegado. Eu achava-lhe graça a uma desenvoltura que tinha muitas manhas: como já era aviador e tinha quasi quer serviços na escola da Graça do Marquês, voava, a baixa altura, por cima da casa dele em cujo jardim umas crianças, os filhos, tres se não me engano, brincavam; os pequenos agitaavam as mãos e ele deixava cair uns pedrinhos com rebuçados ou qualquer especie de docearia e... levantando o vôo, desaparecia. Achava graça se bem que pensava na possível má consequencia da brincadeira, pois é assim que se arranja um desastre.

Passados anos, quando commandava o regimento de Infant.^o 7, o Humberto Delgado appareceu-me duas vezes em Leiria, por qualquer motivo de serviço. Sempre correcto, já era então capitão ou major (não me lembro) ia ao quartel cumprimentar-me e conversar um bocadinho. E nestes cumprimentos apresentava-se me^{te} bem, desem-

baraçado, parecendo-me até creatura com certa cultura geral. De uma outra vez que passei em Leiria, por horas, sobre a tarde quando as secretarias estavam fechadas, e sabendo que eu ia ao teatro, foi cumprimen-
tar-me ao camaroté onde estava com m.^a mulher e explicar a razão da sua ida a Lei-
ria. Depois disto nunca mais o vi.

Hoje é general a seguir a uma ascen-
ção relativamente rápida e occupa qualquer
posição elevada nos Estados Unidos se me
não expauro. Não quero negar-lhe os me-
ritos, pois quero crer que os têm; o pouco
que fiquei conhecendo dele levou-me a es-
ta conclusão. Mas... agora, lendo o liuré-
co e recordando as minhas relações com
ele e ainda raciocinando sem qualquer má
vontade, fico a pensar se esses meritos,
que julgo apreciaveis, teriam sempre sido
aplicados com verdadeira honestidade mo-
ral. Seriam?... não seriam?...

O liuréco é uma revelação desagrada-
vel, muito desagradavel até. Uma autén-
tica percaria que me levou, ao terminar a
leitura, a relembraer a celebre frase do Dr.
Bernardino Machado para o Anibal Soa-

res, aí por 1907, comparei-me com meu
cunhado Costa Ferreira que testemunhou:

— Meu caro Amílcar Soares: está
muito a ganhar a vida honradamente...

E por aqui me fico.

Coimbra:

Junho: 9.

Hoje, procissão do Corpo de Deus, com o
aparato do costume. Grande manifestação
reaccionaria que eu fui observar ao fundo
da m.^a rua. E foi, realmente, uma grande
parada da Reacção que cada vez se afirma
mais e mais se consolida.

Para consolidação — sempre ha uma ou
outra consolidação! — ás 4 h. da tarde a tele-
fonia sem fios fez-me ouvir a 5.^a Sinfonia
de Beethoven, tocada por orchestra austria-
ca e, por consequencia, bem tocada; e ha
bem pouco, seriam 2 h. e meia, transmi-
tiu-me, do Porto, a Sinfonia Pastoral, to-
cada pela Orchestra Sinfonica do Conserva-
torio portuguez. Qualquer delas me sensi-
bilizou; e porque é que me sensibilizam
as sinfonias beethovenianas? Não sei. O q.
sei e creio que já aqui tenho escrito, é que

quando oigo Beethoven, he qualquer coisa que me impressiona até á cornição.

Seja o que for. O certo é que hoje tive sorte: duas sinfonias ouvidas, com recato e sem interrupções incómodas. A procição... essa, foi um episodio como qualquer outro que não impressiona; apenas me serviu p.^a verificação da altura a que vai chegando a onda ultramontana — o que, diga-se com verdade e amargura, já não é pouco.

Câmara:

Junho: 14

Hoje tive novamente a boa parte de ouvir o Pastoral de Beethoven. A Emissora Nacional, ao acabar o meu almoço, anunciou a repetição do concerto da Orquestra Sinfónica do Porto. Deixei-me ficar. E ao mesmo tempo que a sinfonia se desenvolvia, eu ia olhando o quadro de Anunciação que tinha em frente: uma planície serena, á esquerda o arvoredo classico da escola e como figura central uma vaca branca; ~~qualquer~~ qualquer coisa no quadro acompanhava a musica; a paz dos campos, a serenidade da atmosfera,

a grande sombra acolhedora. Nunca dera por isto, nunca reparára que podia servir a lateral em frente daquele quadro.

Batheu hoje. E no fim, pensei que apesar de tudo, ainda ha bons momentos na vida. O que são e poucos.

Coimbra:

Junho: 17:

Fui hoje bater á porta do Alvaro Vieira de Leuz. Já tinha certas saudades desse visionário, sempre embetido nas suas ilusões, sempre acreditando que é possível vencer a realidade e que poderá realizar ainda uma ou outra das suas obras de pura pedagogia.

Bom sonhadôr! bom se deixa iludir infantilmente, apesar dos seus setbacks e tal tem cheios de transtornos e dificuldades!

Quando conversei com ele sinto-me outro; parece que a sua serenidade e a confiança nas suas boas ilusões contaminam e anestecam o meu escepticismo ~~completamente~~ assim como aliviam um pouco as minhas amarguras. Bem hajam as ilusões!...

Coimbra:

Junho: 20.

Acabei hoje de ler o Journal do Vasco da Gama Fernandes, advogado em Leiria.

Recebi o volume com uma circular interessante; fiquei com ele e mandei logo em vale do correio os 3000 indicados — o que, aliás, não foi agradecido.

Li-o, depois, aos bocados. Não deixa de ser curioso; tem papinas boas; mas... é bastante pretencioso.

É homem novo e está cheio de vida; é justo, que diabo! que tenha uma ou outra parcela de vaidade.

Coimbra:

Junho: 23

Ha dias entreguei á recção dos reservados da Bibliotheca da Univerid. com certos numeroes de especies: cartas, autographos, gravuras e uns opusculos de bibliographia juruistica — especies que me não serviam e que fazem figura na mesma recção especializada.

Já ha tempos, quando para lá dei uns manuseritos, appareceu nos jornaes a noticia da oferta com palavras de louvâr. Criaio que

a publicação desta notícia têm por fim estimular a vaidade de certas pessoas que têm espécies bibliográficas e iconográficas e gostam de ver os nomes nos jornais. Mas eu, confesso, não gosto muito e imagino até que os que têm a notícia poderão julgar que sou eu o autor.

Enfim. Para lembrança ficam no final do vol.^o coladas devidamente.⁽¹⁾

Coimbra:

Junho: 26

Estive hoje a ler, eu até, a reler o poema Finis Patriae de Guerra Junqueiro. Há quantos anos não lhe pagava! Apesar de isso ainda tenho de citar algumas estrofes, algumas mais caudentes que na mocidade entusiasmei a rapaziada. Porque, na verdade, os poemas de Junqueiro eram decora- dos e recebidos com aluna.

Pois bem. Agora, lido a frio, já sem paixões (como há dias com o poema O Sereje de Gomes Leal) chega-se a fim e... fica-se com a impressão da vacuidade.

⁽¹⁾ V. pag. ...

Realmente a poesia é bela, o ritmo solerte, os versos viberam — tudo encanta e tem o seu quê de grandiosa. Mas... o que é que ha na base de toda aquella arquitectura brilhante?

É possível que o que vejo seja o fruto da m.^a desilusão e da velhice a frequentada. Mas também é possível que hoje aquella poesia não seja compreendida.

Seubi, verdade, verdade, certa comoção ao reler certos passos; mas essa comoção seria mais da lembrança dos tempos em que decerava as estrofes mais revolucionárias e instinctivamente comparava com a quadra actual em que eu me sinto velho e sinto que os novos parece conformárem-se com a triste condição de escravos.

É fiquei-me a olhar:

«Oh mocidade!... Ergue os teus braços...»

Não! a mocidade de hoje ergue os braços, de certo, mas nos campos de foot-ball para aplaudir e incitar os brutamontes que se agitam no chamado «rebuado...»
É meu querer, neste momento, lembrar os

versos de certa estrofe que ainda tenho gr^o
 nante toda inteira:

«A Pátria é morta! A Libert.^a é morta!...»

Attaute. Estou hoje funebre. O que em
 mim, aliás, é vulgar.

Coimbra:

Julho: 1

Tenho seguido, com m.^o interesse o caso
 da Argentina. A Igreja católica julgava-se
 senhora do país e deitava demasiadamente
 os braços de fora. O Estado reagiu, não sei
 se por influencia do proprio Peron se por ac-
 ção do anti-clerical Barleughi, ministro do
 Interior. Daguei a luta entre o Estado e a
 Igreja, com manifestações, disturbios, incen-
 dios, etc. etc.

Nesta altura entram as forças armadas
 em cena. Com o pretexto de manter a ordem
 revoltam-se; e como a revolta não teve exi-
 to, purgam os generais com o mesmo pre-
 texto da manutenção da ordem e dominam
 a situação. Péron parece apagar-se...

Evidentemente que, deste meu canto,
 não posso afazer com precisão o que vem

a per Val Barafunda; mas estou certo de q.
 não audarei torpe da verd.^{de} se disser que a
 Igreja incitouse a revolta e que, perante o
 desastre, provocou o aparecimento dum qua-
 si ditador para manter a ordem nas ruas e
 a paz nos espiritos.

Vamos a ver se me expauro. A Igreja
 triunfou. Morderam umas dezenas de pes-
 soas; mas isso pouco importa... O essencial
 foi vencer. E agora, com o Exército unido pa-
 ra manter a ordem... vamos de vento em
 pó! O Papa, de certo, levanta a excommu-
 nição e, segundo os jornaes, no dia de S. Pe-
 dro, o presidente Peron mandou uma sande-
 ção ao Santo-Padre...

Afinal, tudo acaba bem... E vai rei-
 nar a boa paz na rebelde Argentina — que
 ia a cair na terrível heresia. Salvou-se
 a tempo de cair no Inferno.

Enganar-me-ei eu? Ou o que digo é
 consequencia das minhas desconfianças e
 do ~~meu~~ meu ceticismo?

Não me devo expauro. A Igreja tem
 artes para tudo e sabe fazer as coisas com
 perfeição.

Coimbra:

Julho: 3.

Ante-onhem morreu na sua telhada do Abricão, perto da Portela do Mondego, o velho amigo José Augusto Pereira de Vasconcelos, com 89 anos feitos em outubro passado.

Sobrevivente da geração do 31 de Janeiro, foi sempre o mesmo idealista dessa quadra; durante toda a vida acreditou ~~na~~ no poder dos princípios e conformava-se com os sucessos como incidentes passageiros que não destruíam o caminho ascensional dos Ideais.

Durante a Monarquia, sonhava com a República; proclamado o regime republicano, não teve ambicões, continuou no seu cargo de ajudante de notário e atravessou os períodos de reacção política com a mesma serenidade e com a mesma confiança no futuro.

Era bom homem e homem sério. Sábias do seu ofício como poucos; o cartório de notário onde ele estivesse era o preferido pelo publico e por uma destas injustiças das leis e principalmente dos homens que as fazem, nunca foi incluído no quadro res-

presbivo e aos setenta anos não foi para o
 meio da rua sem qualquer apresentação
 porque na Secretaria Notarial precisavam
 dele e mantiveram - no por algum tempo.

Porem... Oh miséria da vida! A certo
 altura, os notários começaram a ver que
 o ordenado que mantiveram ao velhoaju-
 dante saía - lhes do bolso... E a pouco e pou-
 co foram dando a entender que o velho Vas-
 cancelos era demais...

Disse - me ele um dia que se ia em-
 bars; contou - me o que se passava e que
 não esperava ordem ou continuação para
 saída. Era ele que tomava a iniciativa e
 certo dia largou o trabalho ~~a~~ que há uns
 60 anos se dedicava e em que era ~~uma~~ se-
 guro e honesto como raro.

Pouco depois vendeu o prédio que con-
 struiu na rua do Dr. Ant.º José de Almeida e
 foi comprar no Aricero um casal, voltado
 a sul, com a vista do vale até a cidade e,
 por sobre o pobre casario do toparejo, com a
 perspectiva das serras de Miranda e Bevela.
 Ali se refugiou, conformado e satisfeito;
 dedicou - se às flores e às couves e às ar-
 vores de fruto; e quando eu lá lhe apare-

cia, umos vez por outra, para o uêr e con-
versar um pouco — era uma alegria de
proprietário, alegria de velho amigo, ale-
gria de isolado que tinha que mostrar a be-
liza dos productos da terra, que descrevia a
contar episodios passados e a exaltar o
possego da aldeia e a pacificação de animo
a que chegára depois de mais de mais secu-
lo de trabalho exploris.

Teram tardes agradaveis essas, na sa-
rada da casa, soltauceira ao vale. Vinha
á colação toda a vida passada, os successos
varios de q. fôrmos testemunhas e no fim
o commentario ás uêres um tanto ou quan-
to aspero ás coisas e aos homems. Mas o
Vasconcelos nunca vinha sempre a mesmo re-
mitt. de julgamento e acreditava ainda
na transitoriedade dos meus periodos de
reacção politica e tinha fé no caminhar pa-
ra melhor vida. Era o mesmo velho
idealista, creado em tempos de certo candu-
ra politica e de firmeza de principios; e
a sua propria figura, de cabelo crescido, tod-
teranco, penteado para traz, ajudava a ver
nele um homem de gerações passada, ho-
je incompreendida e quasi troçada pelos

novos que só vêem na materialidade da cultura física a verdadeira salvação.

Morreu quasi de repente. Um derrame, pelo meio-dia, alarmou a familia; o medico reviviu-o por umas horas depois de umas injeções mas diagnosticou logo a morte proxima. As 18 h. morria novamente, recomendando com insistência que queria entéro civil e que fosse eu o portador da chave do caixão.

Quando cheguei ao Arquivo, $\frac{1}{2}$ hora antes da saída do funeral, a sobrinha que com ele ultimam^{te} vivia, depois da morte da esposa, contou-me os ultimos momentos do velho amigo e que repetia mil^{tas} vezes que ~~eu~~ não dessem a chave do caixão a outra pessoa, e que, se eu não podesse aparecer ao entéro que o portador dela fosse um asitado da base dos Polvos a quem gratificariam pela incumbência.

Polvo amigo! Parece que já calculava que a unica pessoa da cidade que o acompanharia até ao cemitério seria eu. E na verdade, tirante umas pessoas de familia da esposa (já ha anos falecida) só lá vi gente do luparêjo, gente modesta que

lastimava com sinceridade a perda do
bom amigo que espatama, pela aldeia,
tudo o bem possível.

Dos notários, a quem ele questionou os
maiores serviços, só compareceu o dr. Ma-
ximo de Figueiredo que não acompanhou
o enterro porque tinha serviço marcado a
essa hora; os outros, como o enterro foi
civil, não quizeram ir contra as suas
crenças religiosas...

As crenças religiosas!... Excelente
pretexto para mata-bros! Como se esta
espécie de gente pudesse ter crenças religio-
sas...

Enfim. O velho Vasconcelos lá foi ar-
rurnado numa grateleira do seu jazigo,
em frente do caixão onde está a esposa. E
lá ficou, acompanhado pelas lagrimas da
gente modesta do lugarêjo que, quero crer,
foi sincera no seu pesar.

Os outros... aqueles que muitos tem-
pos o procuravam e incomodavam, esses
brilharam pela sua ausencia; e até os jor-
nais, sempre prontos para encher espaço
com toda e qualquer bagatela, deram a no-
ticia seca, simples, de chapa, como a que

vai no final do volume⁽¹⁾, sem uma ~~opção~~ referência ao seu valor profissional e, nos jornais que se dizem republicanos, sem qualquer alusão à sua vida firme de democrata. Tudo passa. O Vasconcelos meteu-se na quintarola da aldeia e des- de esse dia... morreu.

E o mundo continúa a rolar pelos es- paços com toda a regularidade.

E é o que vale...

Coimbra:

Julho: 9

Houve reorganização ministerial. De- vêr-se quando o Salazar muda as pé- dras do seu tabuleiro de jogo e desta feita, segundo se diz com insistência, com des- agrado dos amigos monárquicos que ainda- raem ultimamente um pouco de rabo alca- do. Parece, pois, que a subida do Marcelo Caetano, imposta pelo Craveiro Lopes, com seu indignação e desânimo nas hostes restauracionistas — que parece esperá- vam facilidades futuras.

⁽¹⁾ ed pag. 286.

O que ha de temeroso por detrás dos bastidores desta politica actual! A Campanha de Jesus não tava a jurasa, certamente; encolhe por momentos as garras, deixa esquecer e depois ajusta as contas.

Quero crer em certa sincerid^d. no procedimento do bravo Lopo; mas terá ele capacidade para lutar com tal genero de adversarios?

Coimbra:

Julho: 10.

Estive hoje aí, sentado na poltrona do costume, o P.^o Antonio Nogueira Goncalves que me appareceu mais gordo, como homem que come bem e bebe melhor. Gosto sempre da conversação deste P.^o Nogueira e, creio já o tenha aqui escrito, ainda não conseguí definir com a possível precisão a sua personalidade. É simpatico, tem palestra atraente, é bom companheiro, sabe bem o que diz, mas... ainda não fui capaz de fazer juizo mais ou menos seguro a seu respeito.

Como padre, parece-me que necessitamos que qualquer livre-pensador the

procurasse provar a existência de Deus; quero crer que a sua crença na religião não deve subir muito alto. Mas deixê-mos isso... Ele que se aguentê, nesse ponto, conforme puder.

Uma das razões da visita era insistir na "necessidade" da organização dum *Verdulus* de meia dúzia de amigos, em q. se discutissem ideias, se apresentassem planos, se promovessem pequenos passeios a sítios pitorescos ou a monumentos — em fim, se creassem pretextos para cultivarem a espiritual laborosa e elevada.

Esta insistência do Padre é interessante e lembra-me que também eu, desde novo, tive essa preocupação aliás sem resultado. Agora, porém, para se conseguir alguma coisa, mesmo terra como Coimbra, ha grandes dificuldades. Mas não desanimou o Padre e disse-lhe que, não se conseguindo meios-dúzia, poderíamos reunir tres... tres apenas: ele, o Alvaro de Lemos e eu e, com esta trupe, desafiarêmos a arte, a graça, o Bom-humor e possivelmente a propria gloria!

Amen!

Coimbra:

Julho: 11.

Creio ter aqui falado numa oferta de varias especies bibliograficas e epistolares ~~recolhidas~~ á seccão dos reservados da Bibliotheca da Universidade. Como no pessoal da casa ha varios correspond^{tes} de jornais e o proprio Lic.^o Jorge Peixoto trabalha creio que no primeiro de Janeiro, essas ofertas são logo assoalhadas nas noticias.

No fim do volume não guardadas duas dessas noticias saídas em 21 e 22 do mês q. passou.⁽¹⁾ Mas o mais curioso é que no numero de ante-ontem do jornal Republica (de que apore sou assinante para acudir á sua aflitiva situação economica) vem uma nota a meu respeito a proposito dessas ofertas.

Devo essa nota que fica aqui arquivada⁽²⁾ ao Prof.^o Almeida Costa, antigo inspector primario e hoje a ganhar, creio eu, o pau que o Diabo amassou. Este professor é o representante em Coimbra do jor-

(1) A pag. 288.

(2) No final do vol.^o a pag. 288-89.

mal e quiz ser amavel. E pronto... Lá
veiu uma discreta alusão á minha su-
perior personalidade...

O que vale é a boa intenção.

Coimbra:

Julho: 13

Amanhã de manhã, abalo para a
Paz e... por todo o mundo! Estão empaco-
tando papelada e livros para entretar o
tempo naquele deserto.

Não me custa estar lá uma temporada
da qualquer; não me sabe mal o isola-
mento, o ar do campo, os novos aspectos
da vida; o que me custa é ter por este meu
quarto de trabalho, este cenário de livros,
de quadros, de retratos, de tipizagens ar-
tísticas que conheci ha mais de 40 anos
e me contenta as ambições.

Coniôvo-me sempre nas mesetas
da parbida, tanto mais que vou para am-
biente que me não fala e eu que me sinto
quasi expatriado.

Mas, enfim, a vida é assim mesmo;
e eu, pobre diabo, vou-me sujeitando aos
seus encontros. Para que hei-de eu ter-

ma - la piór se começar a repontar e a que-
rer dar-lhe outra forma?

Haja saúde! como diz, com resigna-
ção, o povo. Mas o piór é que creio que a
saúde ainda precária.

Adiante.

Paz (Mafra)

18 de Julho:

Cá estão desde o dia 14, pelas 13 horas
pouco mais ou menos. Nevos constan-
tes, vento desagradavel. Ainda não avis-
tei dentro nem sequer o luar. No ar an-
dam constantemente aviões; o ron-ron autê-
ntico é quasi permanente; na estrada, um
nunca acabar de carros automoveis para
um e outro lado, com o desagradavel lu-
nar regularmente. É pronto. Aqui estão
contemplativo, á espera da hora do regres-
so a casa, ao meu ambiente preferido e
quasi necessario.

Ora hoje, ao desdobrar os jornais, deu
com a seguinte noticia que para mim é
quasi sensacional: « O sr. Presid.^{te} de Be-
"publica recebeu ontem, no Palacio de Belem,
"o almirante sr. José Mendes Cabeçadas.»

A noticia simples, poderá ter passado despercebida para muitos. Mas eu perguntei aos meus botões:

— O que haverá?... .

Restamente, a visita do Cabeçadas ao bravo Lofes fez-me lembrar o recente caso do Peron, na Argentina. Não tem grande parecença, é certo; mas... mas... Quem sabe?

Lisboa:

Julho: 29.

Em Lisboa, amanhã aos de Netá; depois de amanhã, aos de Filha. Enfim, convenções, costumeiras.

Ora hoje de manhã, num engoradão das vizinhanças, vi uma historietta que não deixa de ter sua graça e que não perde em ficar arquivada.

O engoradão, o sr. João "Qualquer Coisa", está estabelecido naquelle não de escada ha já mais de 30 anos; rua de S. Bento, em frente ao jardim onde, noutros tempos, houve um mercado. É homem de certa idade, de talarreja, apparencia de forte e conversos certo ar de bonhomia e conformid.ª com a vida.

Quando entrei e me sentei na cadeira vazia, o sr. João conversava com um freguês sobre qualquer assunto que envolvesse o nome do velho conselh.º Julio de Vilhena. Ao sair o freguês, eu perguntei ao homem:

— O sr. João conheceu o conselheiro Julio de Vilhena?

— Então não conheci! Eu estou aqui há mais de 30 anos e o sr. conselheiro mora na ali acima, na esquina da rua de Santo Amaro e ás vezes apparecia por aqui... Era, sem desfazer, muito boa pessoa...

E enquanto me dirigia os sapatos ia discorrendo ao sabor da memoria:

— Um dia o sr. conselh.º appareceu-me aqui á porta, muito bem vestido, com chapéu de côco e pediu-me para lhe dar uma pintura na alva da frente do chapéu, bastante cozida pelos dedos por causa dos cumprimentos. Eu fiz-lhe ver que não ficava bem, que seria difficil igualar toda a alva; mas o sr. conselheiro disse-me que o chapéu estava bom e ainda duraria m.º tempo... Eu, para lhe fazer a vontade, fui preparar a tinta e realmente pintei a parte cozida que, na occasião, ficou bem. O sr. conselheiro

olhou e pareceu contente. Perguntou-me quanto me devia; eu disse que o trabalho valia um vintém; ele pagou um vintém e saiu muito satisfeito...

Depois duma pausa, olhou para mim e commentou:

— Seja o sr. comandante: um homem naquella posição e rico como era, a sujeitar o chapéu a uma pintura de graxa...

Eu encolhi os ombros; e o sr. João de pois de outra pausa, concluiu:

— O certo é que, passado tempo, voltou cá com o mesmo chapéu p.^o a mesma receita; eu fiz outra vez a tintura e ele pagou o mesmo vintém e saiu satisfeito... A terceira vez é que eu lhe disse: "sr. Comandante, agora, a tintura já não pega... Uê, o que tem é que comprar outro chapéu..." Ele parou-se, olhou bem para a aba m.^o coçado e pareceu-me concordar... E foi-se embora com o mesmo ar satisfeito.

E o sr. João concluiu:

— Com franqueza, sr. comandante; já me parecia mal a engraxada do chapéu dum homem como aquelle... Ele não teria dinheiro para um chapéu novo?

Aqui fica a historietta. Lastimo não conseguir dar á narração o sabor gracioso e irónico que o sr. João lhe deu. Mas na essencia a ~~historia~~ historia está exacta.

A tarde, acompañei a Ana Maria á lição de desenho com o Anjos Teixeira, filho. A sua officina, num jardim do bairro de Campo de Ourique fez parte dum conjunto de construções destinadas a artistas; e na verd.^a ao lado desta vi o nome do Leopoldo de Almeida e de outros.

O escultor Anjos Teixeira deve andar pelos seus 40 e poucos annos; aspecto desembaraçado, olhar de grande vivêz e mobilid.^e; ~~com~~ seus rixos nervosos convulsões dão certa impressão desagradavel á fisionomia que é de pessoa intelligente e simpática. Disse-me logo, quasi de entrada, que me conhecia de nome, como ensaista e conferencista... Não sei se se dá a dizer a sério, convencido de que falava verd.^a, se por simples atencões. O certo é que o artista impõe-se logo por um "à vontade" agradável, com desembarço, movimentando-se constantemente.

mente, falando sempre com facilidade e certa graça.

Eu percorri com atenção a oficina toda; obras magnificas, principalmente seus bustos e seus pés ferrimicos que me pareceram boas obras. Passei hora e tanto agradavelmente, naquele ambiente cheio de arte, notando ora uma coisa ora outra, sempre com os olhos entretidos neste ou naquele trabalho e, em certos intervalos, ouvindo o artista que me pareceu ter vasta cultura geral.

A propósito disto eu daquilo falei-me em musica e em literatura; o Anjos Teixeira tambem e' musico, toca violino que aprendeu com o Luis Silveira de quem vem a ser genro; lê muito, especialmente literatura de ficção e acerca de certos autores tem opiniões curiosas.

Enfim, pareceu-me artista com cultura polida, o que não acontece com todos; e notei que descebia com muita correção a avaliar por seus cartões que por lá vi, em costados ás paredes.

Já quasi no final, como lhe perguntei se pelo Julio Vaz e se sabia qualquer coisa

a respeito do seu estado de saúde, falámos um pouco acerca deste artista com palavras de simpatia e de respeito pelas suas boas qualidades de homem.

— Esteve aqui ainda não ha muito tempo, disse-me o Anjos Teix. e vinho relativamente bem, arrimado a uma bengala por cautela. E nessa altura deu-se um episodio curioso que mostra bem o que ele é...

É o escultor, com graça, imitando um pouco a pronuncia do Julio Vaz, contou com minucias curiosas o q. aqui vai resumido:

O Julio Vaz, ao sair, levava um atilho dum papalão desatado; o Anjos, ao ver isso, esteve para o avisar mas, de começo, receoso, nada disse. Porém, na rua, notando que, com a difficul. no andar, o Julio Vaz poderia fixar o atilho e cair, disse-lhe naturalmente que parasse por um momento. O Julio Vaz, olhou admirado para o companheiro que, no momento em que parava, se ajoelhou e rapidamente ateu o atilho desatado. Um gesto que fez para evitar o acto, não foi a tempo e quando o Anjos Teix. se levantou e lhe disse que assim fizera para evitar uma queda que poderia

ser desastrosa, o Vaz, tomando a atitude paternal, admissível:

— Você sabe, Anjos Teixeira, o acto de humildade que praticou?... Você pensou bem no que fez?... Eu sou um seu igual, se não sou mesmo inferior como artista e como homem... e Você, Anjos, Você humilhou-se sem necessidade...

É o Anjos Teix., imitando com graça a pronuncia do Vaz, um pouco carregada de RR, e sorrindo, terminou dizendo que viu lagrimas nos olhos do colega.

É aqui fim este episodio que não deixa de ser curioso para a avaliação da personalidade de qualquer dos artistas.

Paz (Mafra)

Agosto : 4.

Voltei ontem de Lisboa. Com franqueza já me não entendo muito com a capital do Imperio... Barulho, loucura de velocidades, egoismo, transportes colectivos sem pre á cunha, um inferno, enfim. Aqui, ao menos, embora não goste disto, não há a barafunda excitante e aborrecida da cidade, cheia de perigos e maldades.

Ora ontem, de manhã, fui a sapataria dum Calval, na rua de S. Bento, receber um sapato que lá deixei para conserto. O homem é falador e, palavra por palavra, veio a conta o falecido P.^o Manuel Alves Correia, nosso vizinho da rua de S.^o Augusto e falecido na America.

Os padres do Espirito-Santo são frequentes do Calval e este tinha especial predilecção pelo Abz. Correia a quem chamava santo meu mais meu mesmo. E como eu fizesse allusão ao mexê-lo a que o rejeitaram, o homem desabafou e contou o que fizeram ao padre na prisão, algemado como criminoso, obrigado a estar em pé num cubículo apertado, sofrendo interrogatórios durante as noites seguidas, etc. etc. As torturas do costume, sem consideração pela idade, doenças e estatura normal do preso.

Depois de restituído á pseudo-liberdade, o padre embarcou para a America e, regressando o Calval, por imposição da policia. Então veio despedir-se do padre mas, receioso, simultaneamente despedir-se do commandante do navio sem conhecido e fazendo-se encontrado com aquelle, fez os seus cumprimentos como

coisa de acaso, etc. Pois isto foi o bastante para no dia seguinte ser procurado pela policia p.^o saber as razões dos cumprimentos e o grau de relações com o padre.

Etc. etc.

Para que reafirmar mais histórias lenebrosas desta situação politica? Isto até me dá medo ao escrever.

Paz (Mafra):

Agosto: 8.

No Diario de Noticias de ante-ontem veio um artigo do Paul Lino acerca da actual arquitectura subtitulado: A arquitectura morreu?

Exultei com o artigo que vai ser guardado devidamente ⁽¹⁾ e não resisti á tentação de escrever ao autor uma carta que aqui fica arquivada por curiosid.^o:

«^o Sr. P. L. — V... de certo já se não lembra do signatário desta. Li, parece, o artigo que veio ante-ontem no D. de N. e não quero deixar de o cumprimentar e saudá-lo pela forma, pelo desassombro e

⁽¹⁾ Na Pasta XI.

pele elegancia e pela verdade com que tra-
za o assunto. Nunca as mãos lhe doam,
Ilustre Mestre. E creio - me, com a mais
alta consideração etc. etc. »

Ele ficará admirado. Mas foi um des-
abafo como outro qualquer.

Par (Maíra):

Agosto: 12

Recebi resposta de Paul Lino. Suave,
grato e procura explicar as suas razões.
Carta de interesse que fica arquivada na mi-
nha coleção.

Baldas da Rainha:

Agosto: 16.

Viermos á exposição do Malhõa. Oca-
sião talvez unica de ver reunidos tantos
trabalhos do pintor. E a verd.^a é que as bal-
das da Rainha mostraram um bairrismo
digno de ser apreciado.

Já o edificio do Museu Regional, com
~~doze portas~~ catorze salas que rodeiam um
pequeno pátio á laia de claustro, é empresa
de certo vulto; depois, a estatua, no largo

em frente, no ambiente do velho jardim
 tem aparato e linhas correctas. O conjunto
 é excellenté e mostra bem força de vontade
 e bairrismo intélipente.

A entrada no museu custa 3050⁽¹⁾ e
 logo á primeira vista fica-se excellentemente
 impressionado. Salas amplas, bem iluminadas,
 cuidadosas.

A exposição, em si, foi obra meritoria.
 Reuniram o maior numero de trabalhos
 de Mathôa e esquadram-nos com quadros
 de outros artistas — desde os românticos
 (Anuncição, Lufri, etc.) até aos companheiros
 do Grupo de Leão e, para não fugir ás
 tendências da quadra que atravessamos,
 aos trabalhos ~~de~~ de D. Carlos e D.
 Amelia e de um dos seus ajudantes de
 obras... O que, diga-se de passagem, não
 fez mal a ninguém.

Na verdade Mathôa foi um bom pintor;
 e pena é que a exposição não fosse orientada
 no sentido chronologico, isto é, que os
 quadros não fossem expostos de modo a
 mostrar a evolução da sua arte — desde os

⁽¹⁾ Ver adiante, pag. 289.

seus começos, da influencia dos romancistas especialmente Anunciación, etc. até aos últimos tempos de maior solriedade e mais apurada técnica.

Enfim, foi uma tarde excelente, consolatória, que me deu vontade de repetir ainda este verão, antes do certame fechar. Poderá ser, se a vida não me der algum encontro desagradavel.

No fim, sentei-me no pátio central, convidativo, que lembra pequenos claustros alegres, sem grades nem rézas... Contemplei o busto do pintor, ao centro, no meio de relevado e de flores, presidindo áquella sessão tão empregnado de Arte; e propunhei aos meus botões, olhando a expressão de seguro optimismo, se na verdade, Mathias teria sido um homem feliz.

Estes homens que produzem tantas e tão belas obras de Arte, que deixam a sua alma, em rego insatisfeita, reparada em tantas telas e tantos blocos de marmore - serão homens felizes? Seguiram a sua tendencia natural, tiveram a satisfação íntima de verem obra feita segundo os seus anseios, viram-se aplaudidos e sentiram

se arrimados e possivelmente amima-
dos. Mas... são felizes, sentem satisfação
na vida?...

Adiante. Estas reflexões talvez sejam
tolas. Ponto final.

Foz do Arêtho: Hotel do Tacho:

Agosto: 17.

Passsei o dia, contemplativo, no terraço
do hotel; li alguma coisa, observei o exâ-
me de eclipses que enchem a casa e oha-
ra o mar, bastante ruinoso, com ondas re-
gulares, mais ou menos equidistantes, que
se desfaziam na praia em frente até se
perder de vista.

Acidentemente passeado, acolhedor; como
isto é quasi fim de mundo, e o aglomerado
fica ainda a um quilometro ou mais, o pos-
sêgo só é quebrado pelas carrinhetas da
empresa Capistrano que de hora a hora des-
peja passageiros que logo se põem para
o areal. Abaixo, neste recanto isolado do ho-
tel só se ouvem os eclipses, em trajo de
praia, atreios á névoa e a certa aragem vi-
va de nordeste.

E eu, naturalmente, comparei o meu traje de cidade, com o á-vontade destes extravagantes: camisola sem mangas sobre a pele, umas cuecas a que se dá o nome iupês, vulgarmente, por ser mais distinto, e nos pés umas sandalias. E assim os vi, durante o dia, expostos ao ar humido e ao vento agrestes. As damas, mais ou menos despidas tambem, não se preocupavam com a observação dos meus olhos de velho portuguêsinho...

E assim se passou a manhã e a tarde. Li umas crônicas do José Osorio de Oliveira reescritas em volume: umas curiosas, outras um tanto ou quanto farras. O mar, sempre na mesma tarefa, precedia-me aos bocados agradavelmente. O resto do tempo, considerava a tranquillidade do lugar, a desenvoltura dos nossos fideis aliados e invejava todo aquelle que pôde dispor de si e tem o dinheiro sufficiente para ~~se~~ passar uns dias aqui e ali, neste ou naquello recanto onde haja sossego, onde os ruídos do mundo não cheguem e onde se possa pensar á vontade, sem qualquer constrangimento.

E assim se passou o dia... A minha regressa-se a casa. E a vida volta á mesma tristeza.

Acabou-se.

... Estes inpletos e estas inpletas quasi miús, desfrrescupados, sempre solheramos aude estão, mesmo de passagem, deuem per gente feliz...

Par (Mafra)

Agosto: 18.

De volta... Estes tres dias foram quasi... não direi um sonho, parp. seria exapê-ro, mas com certeza quasi um sonho...

Da exposição de Arte nas Caldas ao res-sêgo contemplativo da Foz do Arelho; e da Foz do Arelho á tranquillid. archeologica de Obidos e depois a Peniche — que ha cinquenta annos não voltái a ver. Que serie de impressões, tão diferentes e algumas contraditórias! Como jeto meu espirito ceneram tão variados pensamentos, uns de certa satisfação, outros tão tristes!...

A passagem por Peniche, então, fez-me recordar uns mêses de ha uns 50 annos, quando ali estive com um destacamento

do regimento 23. Ainda reconheci certos locais, apesar de grande transformação q. notei; a fortaleza, porém, é hoje penitenciaría para presos políticos principalemte para os acusados de comunismo — e limi-
teí-me a vê-la por fora e... devo dizer, com alguma saudade.

Adeante.

Está estau, de novo, neste momento na
lois passando impressões e recordações...
Recordações que por vezes me comoveu
ao notar a m.ª vida e situação actual, cheia
de preocupações, com receio pelo futuro,
com desânimo completo por quasi tudo.

É ainda por cima a verificação de q.
por essas aldeias e lugares as igrejas e
capelas têm todas ou quasi todas telhados
novos, ou sinais de obras de grande bene-
ficiação, quando não surge aqui ou ali
um templo novo em folha, de construção
em estilo moderno, de aparato.

Não há duvida de que os cofres do Estado
se têm desentranhado em obras de toda a
ordem em beneficio da Igreja. É a verd.
é que, sem se querer, ao percorrer essas
estradas, chega a dar na vista e renova-

ção carinhosa e extensa de Templos grandes e pequenos. É um prazer acalmar.

A Igreja fica assim e por longo tempo muito bem governada.

Paz (Mafra):

Agosto: 25.

Tanta coisa digna de registro e eu sem vontade de escrever!

É o tempo a passar e eu aqui, com Templativo, meio parvo, quasi indifferente a tudo...

Paz (Mafra)

Setembro: 21.

Levado pela filha e pela netá, fui até ao Duro em 8 deste mês e de lá regresssei ontem. De bem que me comprazi com a visita e lugares tão conhecidos na minha mocidade e onde passei bucados agradáveis, a verd.^{de} Também é que o pensar que esses tempos já lá iam ha mais de meio século me causam certa tristeza e por vêres me acalmentava.

Passaios á terra, eude os serviços florestais estão creando uma excelente mata

que vai dando ás encostas um aspecto de grande e pitoresca beleza recordáram epi-
rodios passados; uma fujida a Benacova
depois dum almoço, numa clareira da mo-
va mata, provocou - me lembranças dolo-
rosas que, com a melnice, me têm afoguen-
tado alguma coisa; só a contemplação do
largo horizonte tão calmo, principalm^{te}
ao entardecer, me dava algum sossego.

Enfim... não sei bem o que fazer,
agora, neste declive da vida. A contempla-
ção dos lugares tão queridos da m.^a mocid.^{de}
faz-me real embora tenha vontade de os ter
mar a ver; é um círculo vicioso que não
sei e já agora me não importa resolver.

Na volta, depois dum almoço em
Tomar, fomos ao celebrado Castelo do Bode.
Na verd.^{de} é obra de superharia de certo
muito. O Estado-Novo enche as bochechas
com o trabalho - e com certa razão. O q.
ali falta, ainda, nas encostas da albufeira,
é a acção da agua para dar verdura onde
só ha mata e tornar aquellas margens
até aqui agrestes em declives arborizados
e pitorescos.

Depois, por Louisa (lá vi, ao longe, Alentejo!) p.º o Entrancamento; daqui por Torres - Novas, Santarém, Lisboa onde se chegou antes ao alentejo.

Seria uma passeata boa cheia de encantos, se a m.ª imaginação não recuasse tanto e não verificasse os contrastes do tempo que passou com o tempo por que agora vou passando.

Enfim... Ca' estou novamente na Paz. E assim seja.

E já agora... Ontem, parámos em Vila Franca de Xira para uma leve merenda, cerca das 17 para 17,5 horas. Entrámos em uma casa de chá onde solicitei as minhas queridas Terradas. Na mesa a que nos sentamos havia um exemplar d' O Seculo que alguém abandonára; olhei e vi, em parangão, a queda de Peron, do ditador argentino... Considerei, por momentos, a notícia, que aliás me não admirou.

Assim terminam as ditaduras. E como disse creio que Placido : « Todo o mundo, enquanto não cai, é grande!... »

Assim.

É adeante. Lá estão, novamente, na Paz, isto é, no lugarêjo da Paz.

Paz (Mafra)

Setembro: 28.

Chegou-me hoje um pacote com 25 reparações do meu artigo Uma Tipografia ignorada (Em Miranda do C.: de 1845 a 1867) que foi publicado no n.º 3 do Arquivo de Bibliografia Parbupuesa.

É sempre agradável ver impressa qualquer coisa que escrevemos e, apesar de velho e ter escrito muitas e variadas bagatelas, é sempre com certa consciência que ^{veja} qualquer delas em volume ou opusculo.

Creanceice ou paciência.

Paz (Mafra):

Outubro: 3

Hoje completo 76 anos segundo a fé na m.ª certidão de idade.

Para que fazer comentários? Nos anos passados dava-me a paciência para isso. Afinal... para quê?

Deixar passar e pronto. Acabou-se.

Paz (Mafra):

Outubro: 5

Mais outro aniversário... Quarenta e cinco anos. Que se ha-de fazer?... Tempo de concordar q. esta gente que governa se consolida surrasteiramente. Não ha duvida que a Igreja tem sabido levar as coisas com rara habilidade, ou talvez melhor, a Camp.^a de Jesus tem governado isto com superior mestria.

O caso é bem patente e o mais extraordinário é que os republicanos parecem que nunca deram por isso.

Aqui estão, neste deserto, meditando e filosofando. É o que me é dado fazer...

É já não é mais de todo. Ainda os jesuitas não descobriram o meio de não deixar meditar e filosofar...

Paz (Mafra):

Outubro: 31.

Passsei este mês de Outubro aqui quieto, dentro de casa, por amor de uma bronquite arranjada não sei bem como e que me fez ir á cama uns dias e levar, pela

primeira vez, injeções de penicilina e algumas doses de ventosas. E aqui fiquei preso em casa, com receio do tempo que si sempre agreste, á espera pacientemente de os boletins meteorológicos annunciarem melhora.

E tanta coisa que vai por esse mundo merecedora de commentarios! E assim se perde um mês de vida, sem qualquer especie de utilidade...

Lisboa:

Novembro: 19:

Esta Lisboa... De cada vez se me es-tá a tornar mais antipatica. Noutros tempos não desgostava de passar aqui uns dias, de passear nas ruas, de veri-ficar o aumento dos novos bairros, etc. etc. Mas agora... com esta barafunda to-da, com a inferneira nas ruas, com a atmosfera saturada dos gases nocivos dos escapes dos automóveis, com todo o egois-mo das gentes bem á vista... Uf! O de-sejo é fugir, abandonar esta tremenda capital do Imperio, que parece querer empalmeirar com as tumultuosas grau-

des cidades do mundo de que se esentam
maravilhas p.^a admiração de papalvos.

Adeante.

O que reale é que ha um seu outro re-
fugio como ha dias na magnifica exposi-
ção do Galcão Triposo e num concerto da
violinista polaca Ida Blacndel.

O Galcão Triposo, com os seus 77 para
78 anos apresenta perto de 200 quadros, dos
quais grande parte são modernos o que pro-
va a sua presença de espirito se bem que
nem todas as obras sejam dignas do seu
real valor de artista. A exposição, porém,
mostra que a melice ainda o não tocou e
até a sua bella presença indica certa virili-
dade simpatica. Quando o cumprimentei
e lhe lembrei a nossa convivencia em Lagos,
no anno de 1885, elle disse - me que me não
esquecera e que ficara sempre com muita
consideração « pelos meus miolos... » A
expressão é exotica mas compreendi-a.

A violinista Blacndel, rapariga nova
e bonita, é na verd.^e uma artista insigne
que está a tempo de ser uma grande e su-
perior artista. Do programma não sei bem
o que me ther achei; todo elle foi tocado com

segurança, leveza, correção e excelente arcada, sem qualbarismos desagradáveis. Foi uma tarde pedativa para se não dizer comovedora.

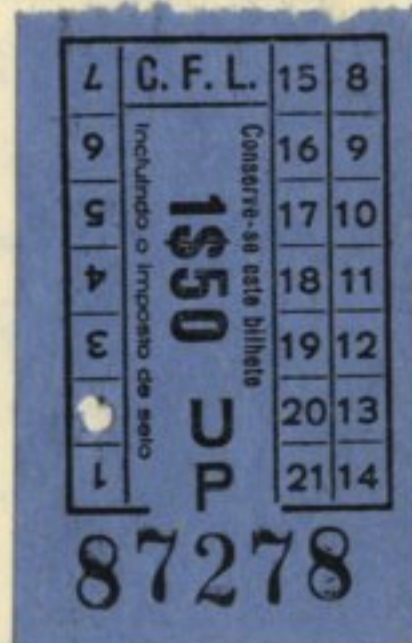
É o que vale para esta complicação da vida.

Lisboa

Novembro: 23.

Este bilhete de eléctrico, colado aqui, será prova de crendice ou de penitência?

Tempo deixado nestas notas varios queixumes acerca da má parte que me persegue. Ora hoje é de uso considerar os números com capricia como indices de boa parte imminente; e exactamente, ao chegar a casa e a tirar da algibeira os bilhetes que comprei nas varias andanças pelas ruas da cidade, dei com este numero 87278, que qualquer condutor de eléctrico me trocou por 1\$50, sem saber que me ia dar uma prova inegavel de Boa-Sorte!



Exultei... Não ha duvida que meu tudo é incerto neste mundo. Aqui fico colado, com toda a reverencia, o bilhete feliz; e eu fico esperando, com tranquillidade, esse jêro de Boa-Forté que me joderá inundar...

Assim seja.

E como não faz mal, de ver eu quando, uma taracha — deixo assim, para futuro, a duvida acerca da realidade ou creancice...

Lisboa:

Novembro: 27:

Assisti hoje em S. Carlos, ao segundo concerto da Orquestra Filarmônica do Ivo Cruz. Não será organização de 1.^a classe; mas merit.^a não é — mas o certo é que nos dá umas horas agradáveis, sem contestações.

O Ivo Cruz tem levado Tarcias nos jornais e cheguei a ler ha dias que ele é um incompetente como regente de orquestra. Será. Não sei discutir o assunto. Mas o que sei é que ha m.^{ta} inveja, má vontade e espirito de realidicencia e, ao

mesmo tempo o não reconhecimento dos esforços desse homem, animados unicamente de cultura musical não só em Lisboa como por todo o País.

Os músicos, em Portugal, como em regra os intelectuais, não se entendem. É daí esta tremenda baralhada que, diga-se a verdade, se pode chamar uma vergonha.

Eu passei hoje, em S. Carlos, duas horas feliz. Esqueci o que ia cá por fora e tive momentos de sincera sensibilidade. Seria a musica? Seria o ambiente? Seria a melancolia?...

Pode ser tudo junto.

Lisboa

Dezembro: 8.

A bronquite que me na Paz, em Outubro, me aprofundou, voltou-me a aprofundar desde o dia primeiro — desde o dia em que o Patriotismo barato da actual situação política se empurra em aparecer com paradas vistosas de rapaziada das escolas. E aqui fiquei seis dias de cama, tratado novamente com ventosas e estreptomicina

— coisas que o meu corpo experimen-
ta pela 1.^a vez. Alguma vez seria. E
agora fico á espera da autorização medica
para voltar á casa de Coimbra. E assim
vou passando a vida, correndo para o
fim, fóra das m.^{as} coisas, sem conse-
guir descauço...

E hoje entáo, dia da Invenção, 7.^o
é agora feriado reparoso, acodem-me á
memoria recordações da memínice e sem
querer me entremésem. Era o dia de
anos de m.^a tia Amelia da Conceição e,
em casa dos Avós, desde a vespera, havia
grande barafunda com os ajustes para
o jantar a toda a familia reunida. E
para essa janturada faziam-se grandes
travessadas de arrôz-doce, umas com
óvos, outras sem óvos e era eu, em re-
gra, que ia fazer os "enfeitês", com a can-
ta, "enfeitês", que eu lançava com assi-
malada fantasia, á volta das iniciais de
festejada.

Eravam os meus tempos de innocencia
que aliás se prolongáram mais adiante
do que era normal; não sei se seriam
bons — o que sei é que hoje, agora, ao

escrever estas linhas, neste quarto desconfortavel, os olhos se enchearam de lagrimas. Seja o que for...

Lisboa:

Dezembro: 14

Ainda ha coisas boas neste miseravel mundo... Ontem, em S. Carlos, fui ouvir a nossa Orquestra Sinfonica dirigida por maestro estrangeiro Georges Sebastian que tocou a 2.^a sinfonia de Brahms e a 5.^a de Tchaikowsky.

Não aprecio muito Brahms, talvez por não o compreender; mas esta sinfonia agradou-me especialmente no 2.^o andamento, de certo o mais compreensivel para ouvidos como os meus. E pareceu-me que foi excelentemente executada.

Mas o que me encanou as medidas foi a sinfonia de Tchaikowsky; execução que julgo perfeita e que me impressionou. Musica compreensivel, com temas simples que me deram a impressão de vagamente orientais, susteneu-me durante cerca de tres quartos de hora com tanto ou quanto ausente deste mundo

Tão cheio de misérias. Aos acordões finais, senti que terminava qualquer coisa de bom e que teria de ir ao trapalheio recolher a gabardina, de descer a escada, afanar a humidade da noite e re-entrar na vida atribulada...

Coimbra:

Dezembro: 20

Cá estou, finalmente, em casa, após cinco meses de ausência. Os meus livros continuam empilhados, atentos, sem darem pelo tempo corrido; eu é que dou pelo caminhar dos anos e pelo poder travar o andamento.

Pois é verdade. Cá estou, de novo, em casa. A vida é afinal uma grande cabra — p.º. Me não dar outro nome...

Coimbra:

Dezembro: 31:

O ano vai acabar, segundo rezam os calendários e os borda-d'aguas. E eu ainda já um pouco marcado com esta obrigação de escrever a qualquer coisa para este diário — que não é, propria

mente um diário porque não é escrito todos os dias. Estou mais ou menos resolvido a abandonar a tarefa excepto para os pontos que mereçam registo.

Isso que aí fica para que servirá?

No futuro, quem ter chamar-me-á maduro, e com razão. Uma ou outra coisa não digo que não seja de certa utilidade porque ficou desconhecida; mas o resto...

Tem fim, adiante.

Não quero, porém, deixar acabar o ano sem arquivar duas espécies que guardo há muito sem saber bem que destino lhes dar. Balha agora registar essas preciosas espécies que não deixam de ser graciosas e elucidativas p.^o o conjunto de sucessos decorridos há quasi 30 anos em Parbupal.

Uma das espécies é o retrato de Salazar, em boa fotografia, recebido profundamente em 1937, a seguir a um atestado (verdadeiro ou falso, malta a verdade) em certo dia em Lisboa. No verso do retrato ha uma oração p.^o rezar pela vida do chefe e a concessão de indulgencias, a quem a rezar devotamente, do bispo de Coimbra, então o D. Antonio António. Custava 1 escudo e quan-

do me disseram que tal espécie se vendia na Casa do Castelo, livraria do Ismael, cunhado do P.^e Antonio Pratas, fui logo lá convencido de que era brincadeira. Mas não era: dei por ter comprado o esudo e aí fica argüido com muito gosto.⁽¹⁾

A outra espécie é uma reprodução fotografica da 1.^a pag.^a do jornal espanhol ma drileiro A.B.C., de Outubro de 1929, que contém uma entrevista com o general Carrmona por ocasião da visita feita ao rei Dom Afonso III naquela data. Quando a reprodução, que já não sei quem me deu, porque ha um periodo da entrevista em que o illustre Carrmona (hoje guard.^o entre os nossos grandes homens, nos Jeronimos) afirma estar a guardar o lugar p.^o uma proxima restauração monarchica.⁽¹⁾

A afirmação seria verdadeira? Haveria traição do jornalista? A verdade é que a frase não foi desmentida — e ficou para a historia, como atestado da lealdade republicana do E. Carifan de toda esta gente, nhe que ha quasi 30 annos nos governa,

⁽¹⁾ A pag. 290.

não só para salvação da Patria mas especial-
mente 1.^a salvação das nossas almas...

E aí ficou 1.^a a hipótese de, no futuro,
~~podere~~ poderem servir para qualquer coi-
sa. E vamos adiante.

E já agora, visto que estou arrumando
do bagigangas, acumuladas na pasta pro-
pria, há m.^{to} tempo e que tem escapado de
entrar no seu lugar, vou deixar aqui al-
guas especies — para regalo de vindouros...

Um recorte guardado há certo tempo
parece ser do Diario de Noticias de Lisboa e

**Uma exposição de homenagem
no Museu Machado de Castro**

Por iniciativa da direcção do Museu Ma-
chado de Castro, de Coimbra, autorizada por
despacho do sr. ministro de Educação Nacio-
nal, vai realizar-se naquele museu, no Ou-
tono do proximo ano, uma exposição dedi-
cada á Rainha Senhora Dona Amélia e que
constituirá uma documentada homenagem de
respeito, saudade e gratidão.

fica já aqui pa-
ra não ir mais
longe. Em tem-
po, se me não
esqueço, o Luis
Reis Santos fa-

lou-me em salas varias que queria organi-
zar no Museu Machado de Castro e entre as
salas projectadas, uma era dedicada á rei-
nha D. Amélia. Não disse nada no mo-
mento porq. com franqueza a noticia caiu
de chofre e o homem continuou a falar e

a expôr os seus planos com certa exuberância. Mas, depois, fiquei-me a pensar: a sala dedicada à Rainha que justificação teria além de ser manifestação monarchico-reacionaria? Resolvi esperar, atentamente, o que sairia.

Um dia, já não sei quando, appareceu esta noticia q. aí fica: já não era a sala permanentemente mas uma exposição, para o proximo outono. O outono ou outonos passaram e a exposição ainda se não fez.

Continuo á espera. E quero crer que se a exposição se realiza, de mais a mais com despacho favoravel do ministro, sou capaz de sair do meu silencio e do meu recolhimento para desaugar o impostôr. Não direi que peço dum estadinho p. desaugar á maneira de Carrillo; mas não deixarei de cair em guarda com florete afiado.

Uma exposição em honra da rainha discipula dos jesuitas na casa de Antonio Augusto Gonçalves... é de mais.

Vamos, porém, a ver se ha essa coragem; falta de vergonha tem eles, mas é possível que certos zuns-zuns já espalhados os façam recuar.

Outra lupigaypa guardada á espera de vir é uma correspondencia da Aldeia-das-Der para o Diario de Coimbra a respeito de uma fotografia que ha uns 4 anos mandei á filarmónica local.

Em 1905 fui com uma força de 24 homens, salvo erro, fazer a policia á romaria da Senhora das Dores, prox.^o daquelle aldeia. O então protector da filarmonica, um fidalgo de Fouseca em cujo solar fiquei alojado, pediu-me q.^o fotografar os musicos, pois levava comigo a m.^a maquina fotografica. É claro que lhe fiz a vontade e, certamente, já me não lembrero, mandaria provas para os fotografados.

Ors ha uns 4 anos, reunindo as minhas velhas fotografias q.^o formam collecção metódica da m.^a actividade ~~em~~ nesse genero de arte, encontrei a chapa ainda bem conservada. Mandei fazer ampliação e lembrei-me de a oferecer á filarmónica, que é ainda a mesma, apesar dos quasi cinquenta annos passados.

A ampliação lá foi — e foi uma festa! Por officio da direcção do agrupamento e

por carta particular do presidente da mesma, fiquei sabendo que a fotografia causou na aldeia enorme commoção; toda a gente foi vê-la e reconhecer os músicos de há 46 annos; mulheres velhas choráram e até o actual regente da filarmónica se commoveu ao reconhecer-se no garotito, sentado no chão, ao lado da sua caixa de rufo.

Enfim, a 1.^a lembrança causou na aldeia certo alvoroço e constituiu exito agradável deante meus dias. Guardo a correspondencia na collecção de cartas; e a noticia do Diario fica arquivada no final do volume, p.^a lembrança a mesma.⁽¹⁾

Bapatelas que não fazem mal a ninquem...

Outra nota guardada que não entrou nestes cadernos na devida altura. Vai agora e não perde pela demora:

Trata-se do velho Antonio Augusto Gonçalves que esta gente do hoje faz por esquecer ou, se o lembra, faz por diminuir ou inferiorizar.

⁽¹⁾ A pag. 292.

Contou-me o Laureano Chaves de Almeida, numa tarde de boa cavaqueira na sua casa do Torim, que o velho Gonçalves Neves, pai de Antonio Augusto, ao sentir que chegava a sua ult.^a hora, entregou ao filho uns rôlos de libras em siro, ao todo 419 ruzedas e explicou que aquella quantia fôra o dote de sua mulher e que por muitas necessidades que tivéra, nunca lhe quiz tocar pois considerou o dote como coisa sagrada. Antonio Augusto recebeu os rôlos de libras e fez o mesmo que o pai: guardou-os como pecha sagrada e de tal modo que na familia ninguém sabia da existencia de tal fortuna — que, na vert.^a, á data da morte deste, constitua uma conta calada.

Ora Antonio Augusto Gonçalves teve varias dificuldades na vida — mas nunca tocou no dote da Mãe. Respeitou a decisão paterna e por sua morte, ao limparem as gavetas e armarios, os herdeiros foram encontrar aquelle peculio, com uma nota escrita explicativa e bem clara.

Foi um deslumbramento!

Com o preço da libra, na altura, é facil fazer a conta: creio que ainda deu

umas dezenas de contos que os herdeiros logo dividiram com alegria...

Bom Antonio Augusto!... Contou ainda o Laureço que uma vez, muito necessitado de dinheiro, foi espreitar um cordão de ouro da Mãe, guardado também em família; mas não tocou no dote. Os herdeiros, porém, não estiveram para ficar em contemplação do tesouro — nem, em boa verdade, tinham que o fazer.

O caso fica aqui narrado para exemplo do que era o bom Antonio Augusto Gonçalves, tão real cumprido e tão realizado — em vida e depois de morto.

Os seus livros, que ~~eram~~ constituíam uma escolhida biblioteca de arte e literatura, foram vendidos em Lisboa, um tanto ou quanto á maneira de mil diabos.

No subrepto ainda vendeu cerca de uns 22 contos — a que os herdeiros avidos (entre os quais o João Gaspar Simões e mulher) chamáram, seguramente, um fiço.

Este Gaspar Simões, va' lá! fica para outra vez...

Por hoje chega — e ainda ha mais q. dizer antes de acabar o ano.

É com certeza ainda ficaria muito para contar. Apesar de sentir a memoria a faltar, quero escrever que desfiaria grande sorriso de amarguras...

Mais umas lembranças que ficaram acumuladas em papelinhos soltos e que, já agora, não deito fora:

Um dia, em Leiria, quando comandava Infant.^o 7, foi ao quartel o general Carlos M.^o Pereira dos Santos, então major-general do Ex.^o; fôra a Leiria não sei por qual motivo e anunciou-se, como visita amavel.

Fui recebê-lo ao cimo da escada, á pressa, porque não dei zela para a entrada no edificio e cumprimentando-o afavelmente disse-lhe q. o command.^{te} militar e o do regimento lhe apresentavam os seus cumprimentos e ficavam ás suas ordens. Ele, m.^{to} agrumado, dando um afavel aperto de mão, disse estas palavras de que me lembro m.^{to} bem:

— Agradeço os cumprim.^{tos} do command.^{te} militar e command.^{te} do regimento e tenho m.^{to} prazer em o ver; mas quero

afirmar-lhe que tenho mais prazer em ver e cumprimentar o coronel Belisario Pimenta.

Eu fiz uma revisão palaciana e disse um « muito obrigado a V.ª... » sem adinar com outra qualquer saída, tão ~~em~~ admirado fiquei com a amabilidade.

Devo dizer, contudo, que este Pereira dos Santos me deixa hoje a impressão de que me foi sempre favoravel. Ha quem afirme que é velhaco; não sei se o é; mas percorrendo mentalmente os successos da minha vida em que ele apparece, tenho a impressão de que o tive sempre do meu lado.

Já depois de ele estar em Coimbra reformado, numa conversação com o Eduardo da Cunha Oliveira em occasião em que este o foi visitar, mostrou-se arreliado com o caso da minha reprovação no generalato e teve opiniões a meu respeito muito amavel. Etc. etc. etc.

Outra lembrança é do falecido general José Tristão de Bettaucourt que foi commandar Inf.ª 7 na altura das audanças do generalato e foi meu companheiro no

curso de Gaxias. Flornou afeito ás colonias eude passou quasi toda a vida, encontrou-se um pouco (se não muito) alheio aos problemas debatidos na escola e confessava muitas vezes as dificuldades em que se via. Inteligente, porém, habituado a resoluções, lá foi vencendo os obstáculos, dia a dia, com a ajuda de Vê e daquele companheiro.

Quando foi para Leiria, terminado o curso, convidou-me p.^a, juntamente, resolvermos os pontos caídos nos exames que regularmente iam correndo em Lisboa; e propoz que se fizesse como no exame verdadeiro, isto é: se lêsse o tema com atenção e depois, com o relógio em frente, nos lançássemos, cada um em sua mesa, á resolução da 1.^a parte durante as duas horas regulamentares.

E assim fizemos umas duas ou tres vezes antes de eu ser chamado a contas, p.^a Lisboa. Ora isto nem a propósito do seguinte: é que o Betteucaent não conseguia resolver os problemas; passadas as duas horas, estava ele ainda quasi a meio, visivelmente arreliado porq. não descartava soluções... E quando eu lhe mostrava a

minha resolução melhor ou pior achada mas completa, ele ficava a olhar e dizia com lealdade:

— Não ha duvida... Eu não sou capaz de ir ao exame...

Eu procurava dissuadi-lo, com palavras amáveis; mas via na sua expressão uma certa tristeza e desânimo.

Tempo depois o Luis José da Mota, contou-me confidencialmente, que nas vésperas do exame do Betteucaurt, este resolveu entregar a declaração de desistência convencido de que não era capaz de vencer a barreira e impressionado especialmente pela má reprovacão — pois não admitia a possibilidade de fazer aquilo que eu não conseguia fazer. Ora isto constou na Direcção da Infantaria e o Pereira dos Santos, então director da arma, chamou o Mota e o Fleury Melo, ambos já aprovados e pediu-lhes particularmente que procurassem o Betteucaurt e lhe dissessem que não desistisse, que fosse ao exame, que fizesse qualquer coisa, que se não preoccupasse com o pouco que poderia fazer — mas que fosse e com serenidade e confiança no jury.

Na manhã o Betteucault foi ao exame e ficou aprovado. Não sei o que se passou; mas o Mota contou ainda que houve pedidos para não haver assistência ao acto e assim, o júri ficou á vontade para fazer o que quizesse.

Contou depois que o governo queria mandar J.^o Moçambique como governador e Betteucault não queria - o mandaram promovido a general — como realmente foi. E ~~isto~~ esta razão de Estado é que fez com que as coisas se passassem como passaram e que também fez com que o mais moderno de Kuma de coronéis fosse o primeiro a ser promovido ao generalato.

Deve dizer-se que o Betteucault merecia a atenção com que foi tratado e a nomeação pensada J.^o Moçambique ainda esteve uns anos exercendo com agruo e bons serviços o alto cargo de governador geral. Mas... mas...

Nada mais direi. Os factos são factos e aí ficam J.^o quem os quizer julgar.

E agora, para fechar o anno, vamos ao meu patricio e companheiro de outros tem-

jos, o Agafito Pedroso Rodrigues, de quem prometi falar na altura em que morrerem, aos 21 de Março deste ano.⁽¹⁾

Lá estou a recorda-lo e, com franqueza, não sei se vou praticar uma má ou pouco correcta acção. Diz-se que se não deve bater nos mortos principalmente quando recentes; e eu, ao lembrar o velho companheiro, posso, em certos passos, não lhe ser muito favoravel.

Mas... isto fica aqui só no papel e só será lido (se o for) muitos anos depois e o que aqui tenho escrito só leva uma intenção: a boa intenção de ajudar a História — a verdadeira História que nem por isso deixa, verdadeiramente, de ser História.

O Agafito Pedroso Rodrigues nasceu, como eu, na Praça Velha ou do Comercio, ao fundo, do lado nascente; creio não me enganar. Por ali cresceu e garotou engrandecido o pai o velho Valentin José Rodrigues, de origem galega, teve a sua agencia de comissões e assignações numa casa suada, salvo erro, são hoje os baixos do Banco Nacional

⁽¹⁾ A pag. 178 deste vol.^o

Ultramarino e onde, ao tempo, terminava a linha de americanos que vinha da Estação Velha.

Numa dessas correrias de meu do tropeço, e caí num degrau (que ainda hoje ha) na esgrina para a Rua das Solas (actualmente de Adelino Veiga), onde havia como agora, uma farmacia. Desso queda q. occultou durante tempo aos pais, veio qual quer turnar no joelho esquerdo, salvo erro; e desse turnar que segundo se dizia na familia não foi bem tratado, veio o defeito de que soffreu toda a vida. A perna ficou encolhida e teve de usar uma sola e tacão na bota da esquerda com mais uns dedos de altura.

Isto obrigou o raparinho a grandes periodos de inutilidade, na causa, onde passou parte da sua infancia. Assim, esse repouso forçado levou-o a entreter-se com revistas illustradas e a ler romances ao mesmo tempo que ia fazendo os seus estudos liceais. Naturalmente de intelligencia precocis e de certa vivêza, as leituras constantes aguçaram-lhe o espirito e provocaram-lhe certa curiosidade intellectual que o levaram muito cedo a tentativas literarias.

A família, que era constituída pelo pai e por uma irmã D. Beatriz Pedrosa muito mais velha do que ele, começou a ver no rapaz um talento enorme e a prognosticar um futuro superior. A invalidéz da causa, alias justamente, a ser rodeado de carinhos e cuidados especiais — do modo que o rapazinho foi crescendo a sentir a sua volta um ambiente de facilidades, de benevolencia e até de admirações.

Assim, quando completou o curso dos liceus, a família exultou. A tarde desse dia, eu e o Luis Alberto de Oliveira que eramos seus companheiros e lhe ouviamos as confidencias literarias e até amorosas, fomos a casa dele felicita-lo. Estavam a terminar o jantar, na bella sala de musa do 3.º andar do predio no Largo das Anuncias, erguido para a rua da Madalena, construido quando se construiu o ramal do cam.º de ferro e a chamada Estação Nova. E' claro q. fomos recebidos alegremente; o pai, homem no genero Portu-
gal Velho, gostava m.º de receber os amigos e companheiros do filho; compartilhamos ainda dos doces e belidas finas da polvemêsa e servimos, com a maior periedade, com dis-

curso que o pai fez, de Taça na mão, com
leuções ao triunfo literário do rapaz e (o
que notamos depois na rua, alegremente)
com prognósticos de largo futuro brilhante
ainda sem rumo certo mas de seguro éxito.
Foi uma festa mu.^{to} íntima, hoje, á distancia
de uns 60 anos, sensibilizadora; naquele al-
tura quer eu quer o Luis Alberto tomámos
o successo pelo lado cómico e verificámos q.
o Agafito tomou o caso a sério e campe-
netrou-se de que tinha ~~uma~~ certo papel p.^o
cumprir na vida.

Matriculou-se na Faculd.^e de Direito
onde foi estudante vulgar ou, como se di-
zia então, um musicista afinado. Por certas
confidencias (ou inconfidencias) da prima
Beatriz, vim a saber que o pai acalentava
a ideia do rapaz ir a Leu.^o da Universidade
e até (dizia ela) o dr. José Alberto dos Reis
então professor recente, acalentava esse desejo.
Não sei o que houve, na realid.^e, a esse res-
peito; mas o certo é que simplesmente as
aprovações memine não lhe davam direito
á Carta doutoral. Não é que ele não fosse
capaz de transpôr os obstáculos; poderia ser
até um bom professor pois parece que ti-

uma certa propensão para o professorado; mas ou por cálculo ou por the ser indifferente esse destino, concluiu a formatura sem classificação apropriada p.^a continuar.

Durante a formatura continuou com as suas tentativas literarias em especial teatraes. Pensou num drama sobre a faina de Beija, a Alcoforado, e num outro sobre o D. Francisco Manuel de Melo. Chegou a escrever largos trechos, em verso decasilabo, á maneira do tempo que nos mostrava com certo interesse mas que nós liamos enfaticam.^{te}, deturpando palavras e frases de proposito, por garotice, p.^a dar efeitos cômicos...

Digo acima nós. Este nós compreendia o Luis Alberto de Oliveira já falado⁽¹⁾; o esquadante de filosofia Antonio Aurelio da Costa Ferreira, depois meu cunhado; o Orsini Bernardes de Miranda e já não sei quem mais. O certo é que, apesar das nossas garotices a que ele achava graça e não levava a mal, o Agapito foi firmando a mão e julgando-se centro dum nucleo de rapazes intellectuais; paralelamente, contrain boas relações com

⁽¹⁾ Foi em 1933 ministro da Guerra.

outros rapazes, alguns até enobrecidos como o Vicente Pinheiro de Melo — o que para a família constituía motivo de certo orgulho.

Enfim, o certo é que o Agapito Pedroso Rodrigues foi tornando muito e criando certo nome; ~~mas~~ e com isso adquiriu uns ares que, insensivelmente, o iam desviando dos seus antigos companheiros — especialmente depois da representação do seu Auto Pastoril premiado num concurso, pela companhia de Rosas e Bravos no Teatro D. Amélia em Lisboa nos fins de 1803.

Continuámos sempre com boas relações mas não havia já a velha familiaridade que, aliás, mantive com a família que era, diga-se, uma santa gente.

Depois de formado, concorreu ao Liceu, advogado, experimentou varios rumos até que se decidiu pela carreira consular. Foi aprovado e começou por um estágio em Londres onde era seu baixador o Teixeira Gomes de quem ele não gostou certamente porque lhe não dava a importância que desejava como collega nas letras. Passados uns meses concorreu a Pernambuco e para lá foi, um dia, com grande desgosto da Mãe

que ele não tivesse a ver porque, nos nove
anos seguidos que lá permaneceu, nasceu
a boa Senhora que era m.^a verdadeira ami-
ga e me estimava como filho.

Ora como vou não reunir em breve as
m.^{as} recordações da infância e da mocidade,
deixarei o resto das relações com o Pedroso
dripues e o q.^o poderei dizer dele p.^o entã. d
pouco e pouco ele voltará a este infundavel
rosario de lembranças.

E ponho ponto.



The first part of the paper is devoted to a general
 consideration of the subject, and to a statement
 of the objects of the present inquiry. It is
 then divided into two parts, the first of which
 contains a description of the various
 species of the genus, and the second
 a description of the various
 species of the genus. The first part
 is divided into two sections, the first
 of which contains a description of the
 various species of the genus, and the
 second a description of the various
 species of the genus. The second part
 is divided into two sections, the first
 of which contains a description of the
 various species of the genus, and the
 second a description of the various
 species of the genus.

De pag. 31:

OFERTA
à Biblioteca da Universidade

O senhor coronel Bellzário Pimenta ofereceu ontem um manuscrito, com três peças teatrais à Biblioteca da Universidade de Coimbra, onde foi recebido pelo respectivo Director, sr. Prof. Dr. Manuel Lopes de Almeida.

Do Diário de Coimbra
de 7 de Maio de 1954.**Oferta importante**

O distinto e muito culto bibliófilo e nosso ilustre amigo sr. Coronel Bellzário Pimenta, ofereceu à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, um importante manuscrito com três peças teatrais.

D' O Despertar
de 8 de Maio de
1954.**Em que regime vivemos?**

Com este título, «O Debate», fazendo uma referência ao não ter sido cedida à Comissão Organizadora da Bênção das Pastas, o anfiteatro da Faculdade de Letras, de Coimbra, insurge-se contra o facto e exclama:

«Ao que já chegámos! Ser inconveniente ceder uma sala do Estado para uma sessão comemorativa de uma consagração espiritual de estudantes finalistas católicos.»

Um pouco mais abaixo, junta estas palavras:

«Poderia tratar-se de um acto de acata-

mento «ao que está», e então a prudência com a sua grande capa cobriria tudo.

«Mas assim, parece antes estar-se a dar acatamento a um hipotético futuro, perante o qual parece boa política ir pondo as barbas de molho...»

«Não seria tempo de varrer da nossa vida as pusilanimidades, as faltas de hombridade, e quebrar os paus de dois bicos, sobretudo nos meios onde se faz ou se devia fazer, educação?»

Somos da opinião de «O Debate». Na verdade é necessário «quebrar os paus de dois bicos» com que se vem jogando de há muito. E quanto à pergunta de «Em que regime vivemos?», supomos que, por ora, podemos responder: — em República! Ou tem dúvidas a tal respeito o referido semanário monárquico? Se assim é, lá tem as suas razões.

República, de Lisboa — 23 - Maio - 1954.

CONVITE

À POPULAÇÃO

Na Basílica do Palácio Nacional de Mafra, reza-se amanhã, pelas 10 horas, Missa pedindo a protecção divina para os oficiais, sargentos e praças do Batalhão de Infantaria, mobilizado pela Escola Prática de Infantaria, e que em terras longínquas da Índia vai defender até ao sacrifício da própria vida, a integridade da Pátria, que queremos a todo o custo manter intangível.

Evocando um dos maiores vultos da nossa epopeia marítima, quiçá o maior de todos, o Batalhão Expedicionário escolheu para seu patrono a egrégia figura do grande capitão das Índias, **Vasco da Gama**.

Para que nesta hora de partida não faltem aos nossos valorosos soldados o apoio moral de uma população que sente como um só, e o carinho com que os abraçamos, convidam-se todos os habitantes da Vila, as colectividades e organismos representativos a comparecerem em frente da Basílica pelas 10 horas, fazendo alas para a passagem dos expedicionários e cobrindo-os de flores.

Convidam-se também todos os moradores dos prédios do Largo D. João V a engalanarem as suas janelas com colgaduras e motivos patrióticos.

O Batalhão "Vasco da Gama" saberá cumprir na Índia o seu dever patriótico!

Que a Vila de Mafra o saiba cumprir também, amanhã!

O PRESIDENTE DA CÂMARA

João Lopes
capitão

Habitantes de Lisboa!

Católicos da Cidade!

VAI PASSAR NAS VOSSAS RUAS A VENERANDA IMAGEM
DA PADROEIRA DA NOSSA PÁTRIA, NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
INCORPORAI-VOS TODOS NA GRANDE PROCISSÃO!

É NO DIA 8 DE DEZEMBRO, ÀS 21 HORAS
DA IGREJA DE FÁTIMA PARA A SÉ

ILUMINAI E ORNAMENTAI AS FACHADAS DAS VOSSAS CASAS!

CATÓLICOS! VELAS ACESAS! INCORPORAI-VOS NA PROCISSÃO!

ITINERÁRIO — O percurso da Procissão que parte da Igreja de Nossa Senhora de Fátima é o seguinte: Av. Barbosa do Bocage, Av. Cinco de Outubro, Av. Duque de Ávila, Av. da República, Praça Duque de Saldanha, Av. Casal Ribeiro, Largo de D. Estefânia, R. Pascoal de Melo, Av. Almirante Reis, Rua da Palma, R. dos Fanqueiros, R. dos Retroseiros, Largo da Madalena, R. Augusto Rosa e Sé Patriarcal.

LOCAIS DE CONCENTRAÇÃO — Reverendos Sacerdotes com hábitos corais na Igreja de Fátima; Seminaristas no adro da Igreja (lado Norte); Irmandades masculinas com suas insígnias no adro da Igreja (lado Sul); homens e rapazes portadores de bandeiras e estandartes das Obras Católicas, na Avenida Marquês de Tomar em frente da Igreja (lado Sul); Mulheres portadoras de bandeiras e estandartes das Obras Católicas na Avenida Barbosa do Bocage (placa central em frente da Igreja); Escravas de Nossa Senhora da Conceição, na Avenida Marquês de Tomar (em frente da Igreja, lado Norte); homens e rapazes não integrados em Irmandades na Avenida Marquês de Tomar (em frente da Igreja, lado Sul); Mulheres ainda não mencionadas, na Avenida Cinco de Outubro (ao Norte da Barbosa do Bocage); Associações Cívicas e Forças Militares na Av. Elias Garcia.

Lisboa saberá cumprir

NO DIA DA CELESTIAL PADROEIRA DE PORTUGAL

NA PROCISSÃO:

QUE TODOS cantem e rezem.

QUE TODOS quantos puderem se incorporem.

QUE TODOS levem velas acesas.

QUE TODAS as fachadas dos prédios de habitação e montras de casas comerciais estejam iluminadas.

Habitantes de Lisboa!

Católicos da! Gid

VAI PASSAR NAS VOSSAS RUAS A VENERANDA IMAGEM DA PADROEIRA DA NOSSA PÁTRIA, NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. INCORPORAI-VOS TODOS NA GRANDE PROCESÃO E NO DIA 8 DE DEZEMBRO, ÀS 21 HORAS DA IGREJA DE FATIMA PARA A SE

ILUMINAI E ORNAMENTAI AS FACHADAS DAS VOSSAS CASAS

CATÓLICOS! VELAS ACEZAS! INCORPORAI-VOS NA

ITINERÁRIO — O percurso da Procissão que parte da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Av. Barbosa du Bocage, Av. Cinco de Outubro, Av. Duque de S. Pedro, Praça Duque de Saldanha, Av. Casal Ribeiro, Largo de D. Estêvão de Melo, Av. Almirante Reis, Rua da Palma, R. dos Fanqueiros, R. dos Rios, R. da Madalena, R. Augusto Rosa e Sé Patriarcal.

LOCALS DE CONCENTRAÇÃO — Reservados sacerdotes com hábitos completos: Seminários no adro da Igreja (lado Norte); Irmãs de Santa Clara no adro da Igreja (lado Sul); homens e rapazes portadores de bandeiras: Oeiras Católicas, na Avenida Marquês de Tomar em frente da Igreja (lado Sul); portadores de bandeiras e estandartes das Oeiras Católicas na Avenida Barboza central em frente da Igreja; Escolas de Nossa Senhora da Conceição, na Rua de Tomar (em frente da Igreja, lado Norte); homens e rapazes não integrantes na Avenida Marquês de Tomar (em frente da Igreja, lado Sul); Mulheres da Associação na Avenida Cinco de Outubro (ao Norte da Barbosa du Bocage); Assoc. Forças Armadas na Av. Elias Garcia.

Lisboa saberá

De pag. 108:



O dr. Adenauer, chanceler da Alemanha Ocidental, assinando a acta final da Conferência dos Nove, ladeado por Eden e Mendès-France

De pag.º 154 :

Uma representação do Directório da «Causa Republicana» ao sr. Presidente da República

O Directório da «Causa Republicana» entregou recentemente na Presidência da República a seguinte representação: «Senhor presidente da República — Excelência: — a «Causa Republicana» ao dar os primeiros passos no sentido da sua legal organização, tem a honra de trazer ao conhecimento de Vossa Excelência, quer as razões em que se apoia para fundar-se, quer as bases e fins em que assentará a sua estruturação, tudo passando a transcrever dos próprios documentos originais:

Primeiro documento: Projecto de Organização — Suas razões Justificativas

I — É sabido que existe no país, desde há muito, uma organização política denominada «Causa Monárquica», com vida perfeitamente assegurada, seus corpos directivos do conhecimento público, suas reuniões magnas que são verdadeiros congressos, suas notas officiosas dos momentos culminantes da vida política nacional, exercendo a consequente ingerência, livremente consentida pelo Governo nas questões que mais devem interessar a opinião pública.

Essa organização goza, assim, de liberdade excepcional e de favor, dando-se até o facto de se ter permitido a um professor universitário

e já posteriormente a um general na reserva — num Estado Republicano — desempenhar ostensivamente as funções de «lugar-tenência do pretendente à coroa».

II — Notórios são também os propósitos de tal organização — preparar a restauração do regime monárquico abolido pela vontade do Povo Português em 5 de Outubro de 1910 — usando, para tanto, dos processos adequados, já elevando às posições de mando, com o beneplácito governamental, os seus elementos de destaque, já atacando acriminosamente as instituições republicanas e os seus homens mais eminentes, já denegrindo a obra a todos os títulos notável dos primeiros tempos da República.

III — A favorecer esta actuação concorre ainda a circunstância de a própria situação política vigente

Ir buscar, com frequência, à «Causa Monárquica», nas suas investidas contra os republicanos motivos de apoio e de fortalecimento dos seus próprios planos de ataque, daí resultando, incrontroversamente o serem as novas gerações mantidas na ignorância das verdadeiras causas que determinaram e legitimaram o advento da República, das intenções patrióticas dos seus precursores e dos seus fundadores, do esforço honesto dos seus estadistas, por tudo as ter incapacitado de se inteirarem da Verdade e da Justiça.

IV — Urge, portanto, uma acção republicana, imparcial à narrativa histórica e isenta no juízo crítico, que faça a análise dos sucessos e da conduta dos responsáveis, pondo em relevo os ideais do regime e os benefícios que muitos foram os que dele advieram para o Povo Português. Acção que tendo em vista sobretudo o esclarecimento da juventude, hoje quase inteiramente indiferente às virtudes do regime republicano, será, por isso mesmo, a melhor forma de se impedir qualquer tentativa de restauração monárquica com as inerentes e terríveis perturbações que dela necessariamente resultariam para a vida da Nação.

A propaganda feita, clara ou encapotadamente, a favor do regime deposto e definitivamente condenado impõe-se, apesar de tudo, contrapor, deliberadamente, com pleno sentimento das responsabilidades, atentos os ensinamentos da História, uma acção patriótica e uma propaganda eficaz na defesa da República.

V — A actividade a exercer na ordem e no plano nacional, apoiada na união e na firme vontade de todos os elementos dos diversos matizes da opinião republicana traz estritamente por objectivo final a defesa da República e será levada a cabo com inteira observância das leis, no exercício efectivo dos direitos e liberdades fundamentais do cidadão que são a essência do regime e já faziam parte da estrutura democrática da Constituição Política de 1911.

VI — Há muito se impunha, pois, a criação de uma organização legal, tao legal como a «Causa Monárquica», e por isso os republicanos, conscientes dos seus direitos e dos seus deveres, agora instituem a «Causa

Republicana», a qual, pela própria orientação da crítica e da propaganda já iniciadas, contribuirá para o aperfeiçoamento e valorização das instituições políticas e sociais que são características do regime republicano e que ao Estado cumpre não só manter como fazer progredir.

E nem o facto de ser o Estado Português, com a Nação, uma República e dispor de instituições e meios próprios para defender, ele próprio, o regime pode tornar descabida ou supérflua esta organização, visto que a acção e propaganda consentidas à «Causa Monárquica», há que opor a barreira da doutrinação e da nobreza dos ideais e dos princípios republicanos.

O que não se compreenderia e seria indefensável era que aos adversários da República, manobrando em plena liberdade e até com o apoio da autoridade, não pudessem os republicanos opôr uma acção perfeitamente legítima e legal, por demais justificada, na defesa das próprias instituições do regime constitucional republicano.

É esta acção que a «Causa Republicana», reivindicando iguais possibilidades, na luta se propõe realizar — honesta, sincera e patriótica — por demais urgente pelas circunstâncias políticas actuais e bem dignificadas pelos propósitos que a animam e pelos ideais dos seus componentes, os republicanos de toda a Nação.

Segundo documento: Bases e fins em que assentará a estruturação

I — A «Causa Republicana» será constituída por cidadãos republicanos no gozo dos seus direitos civis e políticos, independentemente de filiação partidária ou de crença religiosa.

II — A «Causa Republicana», pela própria natureza dos seus objectivos, inspira-se no bem publico e interesse social e propõe-se actuar no Plano Nacional tendo em atenção os princípios em que deve assentar a ordem moral, económica e social de uma Nação progressiva e democrática.

III — A «Causa Republicana» tem como fins imediatos:

A) — A união de todos os republicanos, desenvolvendo entre eles as

melhores condições de convivência, colaboração e fraternidade;

B) — A doutrinação das ideias republicanas e a apologia das instituições que melhor as servem;

C) — A crítica das ideias e preconceitos informadores do sistema monárquico e o combate aos desígnios restauracionais;

D) — O esclarecimento da opinião pública com vista à sua função constitucional defendendo-a de todos os factores que a possam desorientar, designadamente os que visam o descrédito dos princípios e das instituições republicanas;

E) — A efectivação e o amplo exercício dos direitos e das liberdades cívicas consignadas no art. 8.º da Constituição da República;

F) — O estudo de reformas de sentido democrático e progressivo em todos os ramos da actividade nacional;

G) — O auxílio aos Centros, Escolas, Associações e Imprensa republicanos.

São órgãos da «Causa Republicana»

I — O directório com o seu secretariado geral.

II — A junta consultiva.

III — A comissão instaladora do congresso.

IV — As comissões distritais, concelhias e de freguesia.

V — As comissões de propaganda.

Naturalmente que a Vossa Excelência, como mais alto representante da Nação, cabe, no primeiro plano da sua acção na chefia do Estado, a defesa das instituições republica-

nas, do regime e da Constituição.

Mas, como já se acentuou no primeiro dos transcritos documentos, nem o facto de ser o Estado Português, como Nação, uma República e dispor dos meios próprios para defender o regime e as instituições republicanas torna descabida, ou supérflua a organização que visamos, sobretudo, por ser, como é, por demais conhecida e ampla, progressiva e perigosa a actuação desenvolvida pela «Causa Monárquica», através de todo o país, acrescida às repetidas afirmações públicas de estar próxima qualquer tentativa de restauração do regime deposedo em 5 de Outubro de 1910.

Por isso mesmo a «Causa Republicana» se afirma o propósito de usar, pelo menos, iguais possibilidades para, assim, opôr à acção dos inimigos do regime, a doutrinação e a acção úteis à defesa dos ideais e dos princípios republicanos, organizando-se, para tanto, como uma força cívica e patriótica, indispensável à defesa do Regime Constitucional Republicano.

E é convencimento de que Vossa Excelência se dignará apreciar, em todo o seu justo e elevado significado, a presente comunicação, que a «Causa Republicana» apresenta a Vossa Excelência seus cumprimentos.

Lisboa, 8 de Janeiro de 1955.

Pelo Directório Provisório da «Causa Republicana», o presidente, José Mendes Cabeçadas Júnior (vice-almirante ref.); o secretário-geral, Armando Adão e Silva (advogado)».

De pag. 220 :

JOSÉ AUGUSTO PEREIRA DE VASCONCELOS

Da sua residência, Vila Soure, no Arelro, para jazigo no cemitério da Conchada, realizou-se de Auto Funebre o funeral do sr. José Augusto Pereira de Vasconcelos, viuvo, de 89 anos, natural de Soure, antigo aju-

dante de Notário nesta cidade.

Foi portador da chave o sr. coronel Belizário Pimenta, amigo íntimo do falecido.

Deste funeral tratou a Agência V.ª António Maria Pinto, Sucr., rua dos Esteireiros, 13-17, telef. 2679.

De pag. 199:

À procura dos vestígios dum baluarte

que serviu de defesa
à cidade de Coimbra

MIRANDA DO CORVO, 6 — Por iniciativa do mirandense sr. Luís Moura Figueiredo, irmão da conhecida escritora Carmen Figueiredo, funcionário em Lisboa e que aqui se encontra em gozo de férias com sua família, es-

tá-se procedendo a investigações no «Caramito», no alto do calvário, onde houve o Castelo de Miranda, do tempo dos mouros. Segundo versões que temos ouvido é provável que se venham a encontrar vestígios dum dos baluartes que serviu, com os outros Castelos, de Penela e de Montemor, de defesa da Cidade de Coimbra.

A dar-se tal facto muito beneficiará esta vila, pois passará a ser visitada pelas pessoas que apreciam e dão valor a antiguidades.

Do local avista-se um panorama lindíssimo, como poucos, e que encanta.
— (C.).

De pag. 178

Coronel João Passos Pereira de Castro Junior

Faleceu ontem o sr. coronel de infantaria João Passos Pereira de Castro Junior. Contava 78 anos e assentara praça, em



Coronel João Passos Pereira de Castro Junior

1902, no Regimento de Caçadores 5., servindo depois em varias unidades da sua arma. Foi, durante muitos anos, 2.º comandante de Metralhadoras 1 e fez parte do Arquivo Historico Militar e dos tribunais militares, tendo desempenhado, ainda, as funções de presidente do Distrito de Recrutamento e Reserva n.º 1 Incorporado no C. E. P., distinguu-

-se pela sua acção em França e, durante a batalha de 9 de Abril, foi aprisionado pelos alemães.

Era filho do falecido general João Passos Pereira de Castro e irmão dos srs. coronel Carlos Pereira de Castro, major Luís Pereira de Castro, já falecido, e do sr. Alberto Pereira de Castro, funcionario superior dos Hospitais Civis, e da sr.ª D. Luisa Pereira de Castro, e pai da sr.ª D. Maria Luisa Pereira de Castro Paiva Cardoso, casada com o sr. Rui de Paiva Cardoso, e do sr. João Passos Pereira de Castro, funcionario superior da T. A. P., casado com a sr.ª D. Virginia Ramos da Silva Pereira de Castro.

Era condecorado com a grã-cruz da Ordem de Avis e possuia as medalhas da Vitoria, de ouro de comportamento exemplar, da Campanha de França, e a comemorativa da batalha de La Lys.

O funeral realiza-se hoje, ás 16 horas, da igreja dos Martires, onde será celebrada, ás 10 horas, missa de corpo presente, para o talhão dos Combatentes no cemiterio do Alto de S. João.

De pag. 228:

**O SR. CORONEL
Belizário Pimenta**

**fez uma valiosa oferta
à Biblioteca da Universidade**

O sr. coronel Belizário Pimenta ofereceu à Biblioteca Geral da Universidade, algumas curiosas espécies que muito interessam áquele departamento da nossa Universidade. Entre essas ofertas, são de salientar cartas inéditas de João Franco, Brito Camacho, padre Oliveira Pinto, Alfredo Pimenta, etc., poesias autografadas de António Correia de Oliveira e raridades do século XIX, referentes á bibliografia de jornais daquele período.

As ofertas do sr. coronel Belizário Pimenta passarão a constituir um nucleo com o seu nome, o qual ficará na sala ciméllis, da Biblioteca Geral da Universidade.

**Valiosa oferta
à Biblioteca da Universidade**

Pelo nosso amigo sr Coronel Belizário Pimenta, foram oferecidas á Biblioteca Geral da Universidade, cartas inéditas de João Franco, Brito Camacho, Oliveira Pinto, Alfredo Pimenta, etc; poesias autografadas de António Correia de Oliveira e raridades do século XIX, como bibliografia respeitante a jornais dessa época.

Trata-se de espécies valiosas que passarão a constituir um nucleo com o nome do sr. Coronel Belizário Pimenta, e que ficará guardado na «Sala de Ciméllis» da Biblioteca Geral da Universidade.

*O Despertar, de Coimbra,
n.º 3853 de 22 de julho.*

*Diário de Coimbra, n.º
8312 de 21 de julho.*

8

De pag. 228

**DE
COIMBRA**

O coronel Belizário Pimenta é um dos valores morais e intelectuais desta terra, que é velha madre de doutores. Tem amor aos livros e ás coisas do espirito este velho e respeitável republicano, manuseando com argucia

e inteligente sapiência as coisas de domínio histórico. Recatado na sua pessoa e saber, raras vezes há o prazer de o encontrar; e é pena.

Vem este breve apontamento a propósito da oferta que fez à Biblioteca Geral da Universidade de algumas das valiosas e curiosas espécies que enriquecem a sua biblioteca, entre as quais se encontram cartas inéditas de Brito Camacho, p.^o Oliveira Pinto, João Franco, além doutras, raridades bibliográficas do século passado, etc.

Estas dédivas constituirão um núcleo com o seu nome, que fará parte dos ciméhos da Biblioteca da Universidade. Felicitando-a pelos valores recebidos, cumprimos também o ilustre dador.

Da República, de 7 de Julho.

De pag. 241:

**EXPOSIÇÃO NACIONAL
DO CENTENÁRIO DE
JOSÉ MALHÔA**

Entrada 3\$50

N^o 7872

De pap. 260



1066/0
5/5

MADRID-SEVILLA
18 DE OCTUBRE
DE 1929. NÚMERO
SUELTO, 10 CTS.

ABC

DIARIO ILUSTRADO. AÑO VIGÉSIMO QUINTO
N.º 8.364

FUNDADO EL 1.º DE JUNIO DE 1905 POR D. TORCUATO LUCA DE TENA

EL PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA PORTUGUESA FUÉ ACOGIDO AYER EN MADRID CON ENTUSIASMO Y CARÍO FRATERNAL

La personalidad del general Carmona. Animación en las calles. Las tropas de la carrera. En la estación del Norte. La llegada. En el Palacio Real. El desfile de las tropas. Manifestaciones de entusiasmo. Lo que dice el general Primo de Rivera. Almuerzo íntimo. Comida de gala en el regio alcázar.

El saludo del Rey de España al presidente de la República portuguesa ha sido, con elocuencia insuperable, exponente de los íntimos sentimientos de España hacia Portugal; sentimientos de hermandad peninsular, de recuerdo gratísimo, de empresas gloriosas nunca truncadas, aunque transitoriamente interrumpidas, por acontecimientos históricos. Madrid, al engalanar sus edificios, al suspender el tráfico de su vida laboriosa y al congregarse para recibir y aclamar al jefe de la nación hermana, no se ha limitado a cumplir deberes de cortesía para con el ilustre visitante, ni ha procedido como quien acata preceptos protocolarios. Madrid, corazón de España, que es toda corazón, ha puesto en la acogida al general Carmona efusión fraternal y ha aplaudido, en un hombre, a la personificación de la gesta inmortal en que iban juntos a encauzar el mundo las masas y los galeones de lasas y de españoles, tremolando unidas—como hoy han tremolado en Madrid—los estandartes de ambos países. Antaño, azul de cielo, con bordadas quinas, y morado el pendón ennoblecido con el simbólico castillo... Hojalata, rojo y verde y rojo y guinda.

Para campañas de paz, vuelven a flotar, entolándose, las banderas de dos pueblos epifónicos. Así lo entienden ambos países, que sobre bases de cariño cimentan su futuro de prosperidades recíprocas.

Bien venido sea a España el imane mensajero del espíritu y de la grandeza de Portugal.

La personalidad del general Carmona

El general presidente de la República de Portugal, D. Antonio Oscar de Fragozo Carmona, es una figura que ha logrado el máximo respeto en su país, por sus virtudes de austeridad, sacrificio y patriotismo.

El general Carmona era gobernador militar de Évora en el mes de mayo de 1926, en que el Gobierno que ocupaba el Poder, de marcado carácter izquierdista, fué derribado por el golpe de Estado del general Gomes da Costa. Este, apoyado por la masa general del Ejército, ocupó algunas semanas el Poder como presidente del Consejo y jefe provisional del Estado, asumiendo en su mano el Poder ejecutivo sin restricciones.

Las diversas regiones militares designaron en aquel movimiento un representante; y por este camino sobrevino al Poder, ocupando la cartera de Negocios Extranjeros el general Carmona.

Es conocida y popular en el vecino país la sencillez de la vida del actual jefe del Estado.

Al requerirse para el desempeño de una cartera en el ministerio Gomes da Costa,

su posición era muy modesta, e impuesta, por un lado, por las limitaciones de una paga exigua, y, de otro, por las atenciones de una familia numerosa.

El general Carmona, llegado al Gobierno con una gran reputación de hombre culto, ponderado, austero y de severas costumbres, no tardó en ser elevado por los mis-



EL PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA PORTUGUESA, GENERAL CARMONA

mos que poco antes habían entregado el Poder al general Gomes da Costa, a la jefatura del Gobierno. Una política de templanza, que repugna los procedimientos de violencia, le rodeó del mayor prestigio, y en 25 de marzo de 1928 fué elegido presidente de la República, en virtud de un plebiscito referendado por más de 900.000 sufragantes.

He aquí el resumen de la breve historia política del general Carmona, que ejerce una templada dictadura encaminada, según sus declaraciones, hechas públicas en determinadas ocasiones, a restablecer la monarquía constitucional tan pronto las circunstancias del país lo permitan.

Carmona es una significación política con anterioridad al golpe de Estado del general Gomes da Costa, su padre ostentó hoy sino lo que le presta el ejercicio de la Dictadura, apartada completamente de los partidos del antiguo régimen, ya que su acción principal es evitar el restablecimiento del orden de cosas que desapareció en Portugal el año 1926, al ocupar el Poder el primero de los gobiernos dictatoriales.

Bajo la alta magistratura del general Carmona, han regido los destinos públicos dos gobiernos: el del coronel Freitas y

el del Sr. Ivens Ferraz, que sustituyó a aquel recientemente en el ejercicio del Poder, y que como presidente del Consejo de ministros acompaña al jefe del Estado portugués en su viaje a España.

Animación en las calles

Madrid 17, 7 tarde. Con motivo de la llegada a Madrid del presidente de la República de Portugal, general Carmona, la animación esta mañana era extraordinaria, principalmente en la calle del Arsenal, plaza de Oriente, calle de Bailén, plaza de España y paseo de San Vicente.

Los edificios públicos lucían colgaduras y ondeaba en ellos el pabellón nacional. Los Bancos y muchas Sociedades particulares también aparecían engalanados. El comercio cerró, y en las oficinas públicas se suspendieron los trabajos. Los tranvías llevaban empavesados los trolley con banderas portuguesas y españolas.

Todas las casas de las calles del trayecto desde la estación del Norte estaban revestidas con colgaduras, y las farolas del alumbrado público mostrábase ornamentadas con banderas portuguesas y españolas entrelazadas.

Puede decirse que Madrid presentaba el aspecto de los días de gran fiesta, dándole mayor brillantez la espléndida del tiempo, verdaderamente primaveral.

A las diez quedaron formadas las tropas desde la estación del Norte al Palacio Real.

Frente a éste, en la plaza de Oriente, se levantaba una tribuna, destinada al Cuerpo diplomático extranjero.

Las tropas de la carrera

Para recibir al presidente portugués había formado en el interior de la estación del Norte una compañía del regimiento de Covadonga, con bandera y música, al mando del capitán D. Mariano Campo.

Desde la verja de la estación del Norte, por el paseo de San Vicente y plaza de España, se extendía una brigada de Infantería, al mando del general Orgaz, compuesta por los regimientos de Covadonga y Wad-Ras, más una compañía de Intendencia y otra de la Guardia Civil. Las tropas de Infantería estaban al mando del coronel Urbano. Estas fuerzas se hallaban dispuestas en dos filas sobre la acera de la derecha y en una sobre la acera de la izquierda, suprimiéndose todo intervalo entre las diferentes fracciones. Las banderas de tambores, cornetas y música se hallaban situadas en cuatro filas por el costado más próximo de la estación, e igualmente en este costado las banderas de los Cuerpos y la plana mayor.

Desde la plaza de España a la plaza de

Da pag. 264

A Filarmónica Fidelidade

de Aldeia das Dez
vai comemorar o seu 95.º aniversá-
rio realizando a festa de Nossa
Senhora das Dores, padroeira
da banda

ALDEIA DAS DEZ, 6 — A «Filarmónica Fidelidade» que este ano completa 95 anos ao serviço da mais sublime das artes, vai comemorar no próximo dia 21, o seu aniversário, realizando uma festa em louvor de Nossa Senhora das Dores, padroeira da Banda, segundo os seus primitivos estatutos.

Do programa constam os seguintes números: missa cantada, sermão e procissão; missa por alma dos filarmónicos falecidos e rónagem ao cemitério; grande almoço de confraternização de todos os executantes vivos; inauguração na sede, de uma fotografia da filarmónica, tirada em 1905.

pelo então alferes do regimento de Infantaria 23 de Coimbra e actual coronel reformado, sr. Belisário Pimenta, residente em Mafra, que ao ver frequentes notícias da nossa filarmónica, teve a interessante ideia de lhe oferecer uma ampliação, acompanhada de uma cativante carta; arraisal, etc..

Actualmente, pertencem ao numero dos vivos, 9 executantes da filarmónica de 1905, sendo um deles o actual regente Serafim Augusto Dinis.

A gentil oferta do sr. coronel Belisário Pimenta, representa para a «Filarmónica Fidelidade» uma dádiva apreciável, não só pelo valor material, mas sim pela lembrança espontânea duma pessoa, que há 46 anos passou pela nossa terra, de que não se esqueceu.

Colabora nas festas, a Filarmónica «Pátria Nova», de Coja, com a qual a Filarmónica Fidelidade mantém amistosas relações de camaradagem.

Próximamente, pois, ser importantes as festas de Nossa Senhora das Dores e do 95.º aniversário da filarmónica local, cujo programa definitivo brevemente publicamos. — (C.).

Do Diário de Coimbra, de 8 de Outubro de 1953.



— Indices —

I — Anos.

II — Nomes próprios

III — Varia:

Pharmacia Fiducia

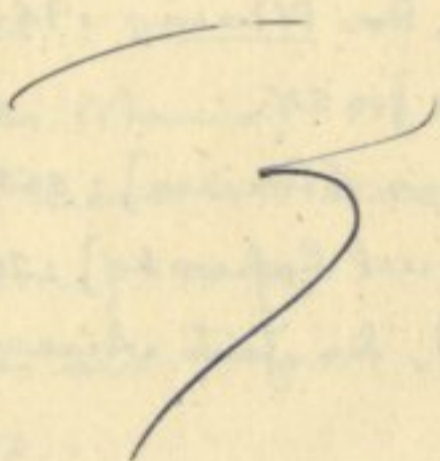
de Alameda das Doc
no número 1 de 11, 12, 13
de 1911 e 1912 e 1913
de 1914 e 1915 e 1916
de 1917 e 1918 e 1919
de 1920 e 1921 e 1922
de 1923 e 1924 e 1925
de 1926 e 1927 e 1928
de 1929 e 1930 e 1931
de 1932 e 1933 e 1934
de 1935 e 1936 e 1937
de 1938 e 1939 e 1940
de 1941 e 1942 e 1943
de 1944 e 1945 e 1946
de 1947 e 1948 e 1949
de 1950 e 1951 e 1952
de 1953 e 1954 e 1955
de 1956 e 1957 e 1958
de 1959 e 1960 e 1961
de 1962 e 1963 e 1964
de 1965 e 1966 e 1967
de 1968 e 1969 e 1970
de 1971 e 1972 e 1973
de 1974 e 1975 e 1976
de 1977 e 1978 e 1979
de 1980 e 1981 e 1982
de 1983 e 1984 e 1985
de 1986 e 1987 e 1988
de 1989 e 1990 e 1991
de 1992 e 1993 e 1994
de 1995 e 1996 e 1997
de 1998 e 1999 e 2000
de 2001 e 2002 e 2003
de 2004 e 2005 e 2006
de 2007 e 2008 e 2009
de 2010 e 2011 e 2012
de 2013 e 2014 e 2015
de 2016 e 2017 e 2018
de 2019 e 2020 e 2021
de 2022 e 2023 e 2024
de 2025 e 2026 e 2027
de 2028 e 2029 e 2030
de 2031 e 2032 e 2033
de 2034 e 2035 e 2036
de 2037 e 2038 e 2039
de 2040 e 2041 e 2042
de 2043 e 2044 e 2045
de 2046 e 2047 e 2048
de 2049 e 2050 e 2051
de 2052 e 2053 e 2054
de 2055 e 2056 e 2057
de 2058 e 2059 e 2060
de 2061 e 2062 e 2063
de 2064 e 2065 e 2066
de 2067 e 2068 e 2069
de 2070 e 2071 e 2072
de 2073 e 2074 e 2075
de 2076 e 2077 e 2078
de 2079 e 2080 e 2081
de 2082 e 2083 e 2084
de 2085 e 2086 e 2087
de 2088 e 2089 e 2090
de 2091 e 2092 e 2093
de 2094 e 2095 e 2096
de 2097 e 2098 e 2099
de 2100 e 2101 e 2102
de 2103 e 2104 e 2105
de 2106 e 2107 e 2108
de 2109 e 2110 e 2111
de 2112 e 2113 e 2114
de 2115 e 2116 e 2117
de 2118 e 2119 e 2120
de 2121 e 2122 e 2123
de 2124 e 2125 e 2126
de 2127 e 2128 e 2129
de 2130 e 2131 e 2132
de 2133 e 2134 e 2135
de 2136 e 2137 e 2138
de 2139 e 2140 e 2141
de 2142 e 2143 e 2144
de 2145 e 2146 e 2147
de 2148 e 2149 e 2150
de 2151 e 2152 e 2153
de 2154 e 2155 e 2156
de 2157 e 2158 e 2159
de 2160 e 2161 e 2162
de 2163 e 2164 e 2165
de 2166 e 2167 e 2168
de 2169 e 2170 e 2171
de 2172 e 2173 e 2174
de 2175 e 2176 e 2177
de 2178 e 2179 e 2180
de 2181 e 2182 e 2183
de 2184 e 2185 e 2186
de 2187 e 2188 e 2189
de 2190 e 2191 e 2192
de 2193 e 2194 e 2195
de 2196 e 2197 e 2198
de 2199 e 2200 e 2201
de 2202 e 2203 e 2204
de 2205 e 2206 e 2207
de 2208 e 2209 e 2210
de 2211 e 2212 e 2213
de 2214 e 2215 e 2216
de 2217 e 2218 e 2219
de 2220 e 2221 e 2222
de 2223 e 2224 e 2225
de 2226 e 2227 e 2228
de 2229 e 2230 e 2231
de 2232 e 2233 e 2234
de 2235 e 2236 e 2237
de 2238 e 2239 e 2240
de 2241 e 2242 e 2243
de 2244 e 2245 e 2246
de 2247 e 2248 e 2249
de 2250 e 2251 e 2252
de 2253 e 2254 e 2255
de 2256 e 2257 e 2258
de 2259 e 2260 e 2261
de 2262 e 2263 e 2264
de 2265 e 2266 e 2267
de 2268 e 2269 e 2270
de 2271 e 2272 e 2273
de 2274 e 2275 e 2276
de 2277 e 2278 e 2279
de 2280 e 2281 e 2282
de 2283 e 2284 e 2285
de 2286 e 2287 e 2288
de 2289 e 2290 e 2291
de 2292 e 2293 e 2294
de 2295 e 2296 e 2297
de 2298 e 2299 e 2300
de 2301 e 2302 e 2303
de 2304 e 2305 e 2306
de 2307 e 2308 e 2309
de 2310 e 2311 e 2312
de 2313 e 2314 e 2315
de 2316 e 2317 e 2318
de 2319 e 2320 e 2321
de 2322 e 2323 e 2324
de 2325 e 2326 e 2327
de 2328 e 2329 e 2330
de 2331 e 2332 e 2333
de 2334 e 2335 e 2336
de 2337 e 2338 e 2339
de 2340 e 2341 e 2342
de 2343 e 2344 e 2345
de 2346 e 2347 e 2348
de 2349 e 2350 e 2351
de 2352 e 2353 e 2354
de 2355 e 2356 e 2357
de 2358 e 2359 e 2360
de 2361 e 2362 e 2363
de 2364 e 2365 e 2366
de 2367 e 2368 e 2369
de 2370 e 2371 e 2372
de 2373 e 2374 e 2375
de 2376 e 2377 e 2378
de 2379 e 2380 e 2381
de 2382 e 2383 e 2384
de 2385 e 2386 e 2387
de 2388 e 2389 e 2390
de 2391 e 2392 e 2393
de 2394 e 2395 e 2396
de 2397 e 2398 e 2399
de 2400 e 2401 e 2402
de 2403 e 2404 e 2405
de 2406 e 2407 e 2408
de 2409 e 2410 e 2411
de 2412 e 2413 e 2414
de 2415 e 2416 e 2417
de 2418 e 2419 e 2420
de 2421 e 2422 e 2423
de 2424 e 2425 e 2426
de 2427 e 2428 e 2429
de 2430 e 2431 e 2432
de 2433 e 2434 e 2435
de 2436 e 2437 e 2438
de 2439 e 2440 e 2441
de 2442 e 2443 e 2444
de 2445 e 2446 e 2447
de 2448 e 2449 e 2450
de 2451 e 2452 e 2453
de 2454 e 2455 e 2456
de 2457 e 2458 e 2459
de 2460 e 2461 e 2462
de 2463 e 2464 e 2465
de 2466 e 2467 e 2468
de 2469 e 2470 e 2471
de 2472 e 2473 e 2474
de 2475 e 2476 e 2477
de 2478 e 2479 e 2480
de 2481 e 2482 e 2483
de 2484 e 2485 e 2486
de 2487 e 2488 e 2489
de 2490 e 2491 e 2492
de 2493 e 2494 e 2495
de 2496 e 2497 e 2498
de 2499 e 2500 e 2501
de 2502 e 2503 e 2504
de 2505 e 2506 e 2507
de 2508 e 2509 e 2510
de 2511 e 2512 e 2513
de 2514 e 2515 e 2516
de 2517 e 2518 e 2519
de 2520 e 2521 e 2522
de 2523 e 2524 e 2525
de 2526 e 2527 e 2528
de 2529 e 2530 e 2531
de 2532 e 2533 e 2534
de 2535 e 2536 e 2537
de 2538 e 2539 e 2540
de 2541 e 2542 e 2543
de 2544 e 2545 e 2546
de 2547 e 2548 e 2549
de 2550 e 2551 e 2552
de 2553 e 2554 e 2555
de 2556 e 2557 e 2558
de 2559 e 2560 e 2561
de 2562 e 2563 e 2564
de 2565 e 2566 e 2567
de 2568 e 2569 e 2570
de 2571 e 2572 e 2573
de 2574 e 2575 e 2576
de 2577 e 2578 e 2579
de 2580 e 2581 e 2582
de 2583 e 2584 e 2585
de 2586 e 2587 e 2588
de 2589 e 2590 e 2591
de 2592 e 2593 e 2594
de 2595 e 2596 e 2597
de 2598 e 2599 e 2600
de 2601 e 2602 e 2603
de 2604 e 2605 e 2606
de 2607 e 2608 e 2609
de 2610 e 2611 e 2612
de 2613 e 2614 e 2615
de 2616 e 2617 e 2618
de 2619 e 2620 e 2621
de 2622 e 2623 e 2624
de 2625 e 2626 e 2627
de 2628 e 2629 e 2630
de 2631 e 2632 e 2633
de 2634 e 2635 e 2636
de 2637 e 2638 e 2639
de 2640 e 2641 e 2642
de 2643 e 2644 e 2645
de 2646 e 2647 e 2648
de 2649 e 2650 e 2651
de 2652 e 2653 e 2654
de 2655 e 2656 e 2657
de 2658 e 2659 e 2660
de 2661 e 2662 e 2663
de 2664 e 2665 e 2666
de 2667 e 2668 e 2669
de 2670 e 2671 e 2672
de 2673 e 2674 e 2675
de 2676 e 2677 e 2678
de 2679 e 2680 e 2681
de 2682 e 2683 e 2684
de 2685 e 2686 e 2687
de 2688 e 2689 e 2690
de 2691 e 2692 e 2693
de 2694 e 2695 e 2696
de 2697 e 2698 e 2699
de 2700 e 2701 e 2702
de 2703 e 2704 e 2705
de 2706 e 2707 e 2708
de 2709 e 2710 e 2711
de 2712 e 2713 e 2714
de 2715 e 2716 e 2717
de 2718 e 2719 e 2720
de 2721 e 2722 e 2723
de 2724 e 2725 e 2726
de 2727 e 2728 e 2729
de 2730 e 2731 e 2732
de 2733 e 2734 e 2735
de 2736 e 2737 e 2738
de 2739 e 2740 e 2741
de 2742 e 2743 e 2744
de 2745 e 2746 e 2747
de 2748 e 2749 e 2750
de 2751 e 2752 e 2753
de 2754 e 2755 e 2756
de 2757 e 2758 e 2759
de 2760 e 2761 e 2762
de 2763 e 2764 e 2765
de 2766 e 2767 e 2768
de 2769 e 2770 e 2771
de 2772 e 2773 e 2774
de 2775 e 2776 e 2777
de 2778 e 2779 e 2780
de 2781 e 2782 e 2783
de 2784 e 2785 e 2786
de 2787 e 2788 e 2789
de 2790 e 2791 e 2792
de 2793 e 2794 e 2795
de 2796 e 2797 e 2798
de 2799 e 2800 e 2801
de 2802 e 2803 e 2804
de 2805 e 2806 e 2807
de 2808 e 2809 e 2810
de 2811 e 2812 e 2813
de 2814 e 2815 e 2816
de 2817 e 2818 e 2819
de 2820 e 2821 e 2822
de 2823 e 2824 e 2825
de 2826 e 2827 e 2828
de 2829 e 2830 e 2831
de 2832 e 2833 e 2834
de 2835 e 2836 e 2837
de 2838 e 2839 e 2840
de 2841 e 2842 e 2843
de 2844 e 2845 e 2846
de 2847 e 2848 e 2849
de 2850 e 2851 e 2852
de 2853 e 2854 e 2855
de 2856 e 2857 e 2858
de 2859 e 2860 e 2861
de 2862 e 2863 e 2864
de 2865 e 2866 e 2867
de 2868 e 2869 e 2870
de 2871 e 2872 e 2873
de 2874 e 2875 e 2876
de 2877 e 2878 e 2879
de 2880 e 2881 e 2882
de 2883 e 2884 e 2885
de 2886 e 2887 e 2888
de 2889 e 2890 e 2891
de 2892 e 2893 e 2894
de 2895 e 2896 e 2897
de 2898 e 2899 e 2900
de 2901 e 2902 e 2903
de 2904 e 2905 e 2906
de 2907 e 2908 e 2909
de 2910 e 2911 e 2912
de 2913 e 2914 e 2915
de 2916 e 2917 e 2918
de 2919 e 2920 e 2921
de 2922 e 2923 e 2924
de 2925 e 2926 e 2927
de 2928 e 2929 e 2930
de 2931 e 2932 e 2933
de 2934 e 2935 e 2936
de 2937 e 2938 e 2939
de 2940 e 2941 e 2942
de 2943 e 2944 e 2945
de 2946 e 2947 e 2948
de 2949 e 2950 e 2951
de 2952 e 2953 e 2954
de 2955 e 2956 e 2957
de 2958 e 2959 e 2960
de 2961 e 2962 e 2963
de 2964 e 2965 e 2966
de 2967 e 2968 e 2969
de 2970 e 2971 e 2972
de 2973 e 2974 e 2975
de 2976 e 2977 e 2978
de 2979 e 2980 e 2981
de 2982 e 2983 e 2984
de 2985 e 2986 e 2987
de 2988 e 2989 e 2990
de 2991 e 2992 e 2993
de 2994 e 2995 e 2996
de 2997 e 2998 e 2999
de 3000 e 3001 e 3002
de 3003 e 3004 e 3005
de 3006 e 3007 e 3008
de 3009 e 3010 e 3011
de 3012 e 3013 e 3014
de 3015 e 3016 e 3017
de 3018 e 3019 e 3020
de 3021 e 3022 e 3023
de 3024 e 3025 e 3026
de 3027 e 3028 e 3029
de 3030 e 3031 e 3032
de 3033 e 3034 e 3035
de 3036 e 3037 e 3038
de 3039 e 3040 e 3041
de 3042 e 3043 e 3044
de 3045 e 3046 e 3047
de 3048 e 3049 e 3050
de 3051 e 3052 e 3053
de 3054 e 3055 e 3056
de 3057 e 3058 e 3059
de 3060 e 3061 e 3062
de 3063 e 3064 e 3065
de 3066 e 3067 e 3068
de 3069 e 3070 e 3071
de 3072 e 3073 e 3074
de 3075 e 3076 e 3077
de 3078 e 3079 e 3080
de 3081 e 3082 e 3083
de 3084 e 3085 e 3086
de 3087 e 3088 e 3089
de 3090 e 3091 e 3092
de 3093 e 3094 e 3095
de 3096 e 3097 e 3098
de 3099 e 3100 e 3101
de 3102 e 3103 e 3104
de 3105 e 3106 e 3107
de 3108 e 3109 e 3110
de 3111 e 3112 e 3113
de 3114 e 3115 e 3116
de 3117 e 3118 e 3119
de 3120 e 3121 e 3122
de 3123 e 3124 e 3125
de 3126 e 3127 e 3128
de 3129 e 3130 e 3131
de 3132 e 3133 e 3134
de 3135 e 3136 e 3137
de 3138 e 3139 e 3140
de 3141 e 3142 e 3143
de 3144 e 3145 e 3146
de 3147 e 3148 e 3149
de 3150 e 3151 e 3152
de 3153 e 3154 e 3155
de 3156 e 3157 e 3158
de 3159 e 3160 e 3161
de 3162 e 3163 e 3164
de 3165 e 3166 e 3167
de 3168 e 3169 e 3170
de 3171 e 3172 e 3173
de 3174 e 3175 e 3176
de 3177 e 3178 e 3179
de 3180 e 3181 e 3182
de 3183 e 3184 e 3185
de 3186 e 3187 e 3188
de 3189 e 3190 e 3191
de 3192 e 3193 e 3194
de 3195 e 3196 e 3197
de 3198 e 3199 e 3200
de 3201 e 3202 e 3203
de 3204 e 3205 e 3206
de 3207 e 3208 e 3209
de 3210 e 3211 e 3212
de 3213 e 3214 e 3215
de 3216 e 3217 e 3218
de 3219 e 3220 e 3221
de 3222 e 3223 e 3224
de 3225 e 3226 e 3227
de 3228 e 3229 e 3230
de 3231 e 3232 e 3233
de 3234 e 3235 e 3236
de 3237 e 3238 e 3239
de 3240 e 3241 e 3242
de 3243 e 3244 e 3245
de 3246 e 3247 e 3248
de 3249 e 3250 e 3251
de 3252 e 3253 e 3254
de 3255 e 3256 e 3257
de 3258 e 3259 e 3260
de 3261 e 3262 e 3263
de 3264 e 3265 e 3266
de 3267 e 3268 e 3269
de 3270 e 3271 e 3272
de 3273 e 3274 e 3275
de 3276 e 3277 e 3278
de 3279 e 3280 e 3281
de 3282 e 3283 e 3284
de 3285 e 3286 e 3287
de 3288 e 3289 e 3290
de 3291 e 3292 e 3293
de 3294 e 3295 e 3296
de 3297 e 3298 e 3299
de 3300 e 3301 e 3302
de 3303 e 3304 e 3305
de 3306 e 3307 e 3308
de 3309 e 3310 e 3311
de 3312 e 3313 e 3314
de 3315 e 3316 e 3317
de 3318 e 3319 e 3320
de 3321 e 3322 e 3323
de 3324 e 3325 e 3326
de 3327 e 3328 e 3329
de 3330 e 3331 e 3332
de 3333 e 3334 e 3335
de 3336 e 3337 e 3338
de 3339 e 3340 e 3341
de 3342 e 3343 e 3344
de 3345 e 3346 e 3347
de 3348 e 3349 e 3350
de 3351 e 3352 e 3353
de 3354 e 3355 e 3356
de 3357 e 3358 e 3359
de 3360 e 3361 e 3362
de 3363 e 3364 e 3365
de 3366 e 3367 e 3368
de 3369 e 3370 e 3371
de 3372 e 3373 e 3374
de 3375 e 3376 e 3377
de 3378 e 3379 e 3380
de 3381 e 3382 e 3383
de 3384 e 3385 e 3386
de 3387 e 3388 e 3389
de 3390 e 3391 e 3392
de 3393 e 3394 e 3395
de 3396 e 3397 e 3398
de 3399 e 3400 e 3401
de 3402 e 3403 e 3404
de 3405 e 3406 e 3407
de 3408 e 3409 e 3410
de 3411 e 3412 e 3413
de 3414 e 3415 e 3416
de 3417 e 3418 e 3419
de 3420 e 3421 e 3422
de 3423 e 3424 e 3425
de 3426 e 3427 e 3428
de 3429 e 3430 e 3431
de 3432 e 3433 e 3434
de 3435 e 3436 e 3437
de 3438 e 3439 e 3440
de 3441 e 3442 e 3443
de 3444 e 3445 e 3446
de 3447 e 3448 e 3449
de 3450 e 3451 e 3452
de 3453 e 3454 e 3455
de 3456 e 3457 e 3458
de 3459 e 3460 e 3461
de 3462 e 3463 e 3464
de 3465 e 3466 e 3467
de 3468 e 3469 e 3470
de 3471 e 3472 e 3473
de 3474 e 3475 e 3476
de 3477 e 3478 e 3479
de 3480 e 3481 e 3482
de 3483 e 3484 e 3485
de 3486 e 3487 e 3488
de 3489 e 3490 e 3491
de 3492 e 3493 e 3494
de 3495 e 3496 e 3497
de 3498 e 3499 e 3500
de 3501 e 3502 e 3503
de 3504 e 3505 e 3506
de 3507 e 3508 e 3509
de 3510 e 3511 e 3512
de 3513 e 3514 e 3515
de 3516 e 3517 e 3518
de 3519 e 3520 e 3521
de 3522 e 3523 e 3524
de 3525 e 3526 e 3527
de 3528 e 3529 e 3530
de 3531 e 3532 e 3533
de 3534 e 3535 e 3536
de 3537 e 3538 e 3539
de 3540 e 3541 e 3542
de 3543 e 3544 e 3545
de 3546 e 3547 e 3548
de 3549 e 3550 e 3551
de 3552 e 3553 e 3554
de 3555 e 3556 e 3557
de 3558 e 3559 e 3560
de 3561 e 3562 e 3563
de 3564 e 3565 e 3566
de 3567 e 3568 e 3569
de 3570 e 3571 e 3572
de 3573 e 3574 e 3575
de 3576 e 3577 e 3578
de 3579 e 3580 e 3581
de 3582 e 3583 e 3584
de 3585 e 3586 e 3587
de 3588 e 3589 e 3590
de 3591 e 3592 e 3593
de 3594 e 3595 e 3596
de 3597 e 3598 e 3599
de 3600 e 3601 e 3602
de 3603 e 3604 e 3605
de 3606 e 3607 e 3608
de 3609 e 3610 e 3611
de 3612 e 3613 e 3614
de 3615 e 3616 e 3617
de 3618 e 3619 e 3620
de 3621 e 3622 e 3623
de 3624 e 3625 e 3626
de 3627 e 3628 e 3629
de 3630 e 3631 e 3632
de 3633 e 3634 e 3635
de 3636 e 3637 e 3638
de 3639 e 3640 e 3641
de 3642 e 3643 e 3644
de 3645 e 3646 e 3647
de 3648 e 3649 e 3650
de 3651 e 3652 e 3653
de 3654 e 3655 e 3656
de 3657 e 3658 e 3659
de 3660 e 3661 e 3662
de 3663 e 3664 e 3665
de 3666 e 3667 e 3668
de 3669 e 3670 e 3671
de 3672 e 3673 e 3674
de 3675 e 3676 e 3677
de 3678 e 3679 e 3680
de 3681 e 3682 e 3683
de 3684 e 3685 e 3686
de 3687 e 3688 e 3689
de 3690 e 3691 e 3692
de 3693 e 3694 e 3695
de 3696 e 3697 e 3698
de 3699 e 3700 e 3701
de 3702 e 3703 e 3704
de 3705 e 3706 e 3707
de 3708 e 3709 e 3710
de 3711 e 3712 e 3713
de 3714 e 3715 e 3716
de 3717 e 3718 e 3719
de 3720 e 3721 e 3722
de 3723 e 3724 e 3725
de 3726 e 3727 e 3728
de 3729 e 3730 e 3731
de 3732 e 3733 e 3734
de 3735 e 3736 e 3737
de 3738 e 3739 e 3740
de 3741 e 3742 e 3743
de 3744 e 3745 e 3746
de 3747 e 3748 e 3749
de 3750 e 3751 e 3752
de

I

Años:

1954 : 1 - 143

1955 : 147 - 279.



II

Nomes próprios

Alceu {Eduardo José Teixeira Barbosa de},
48-49 e 74-75.

Adenauer {Dr.}, ministro alemão : 109.

Aguiar {Joaquim António de} : 94-95.

Alcofarado {D. Mariana}, a freira de Beja : 277.

Alencar {O Poeta}, dos Maiás : 96.

Almeida {Filho de} : 52.

" {Lourenço Chaves} : 266-267.

" {Dr. Manuel Lopes de} : 28-29 e 200-202.

Almeida {Cede do}, Dr. João Aires de Campos :
181.

Almeida {Rainha D.} : 262-263.

Almeida {Dr. Pacheco de} : 169 e 188.

Antunes {D. Ant.º}, bispo de Coimbr. : 260.

Anunciação {Tomás José da} : 213-214.

Assunção {Guilherme da} : 191.

Azevedo {Ant.º Xavier Ferreira de} : 29-30 e 31.

Bach {João Sebastião} : 120-121

Barata {Martins} : pintor : 64.

- Barbosa (Arnaldo Belisario): 172.
 " (João Barnagrim): 13.
Barreira (Dr. João): 50.
Barreto (Ant.º Carreira): 148.
Barros (Guilhermino de), Filho: 181-182.
 " (Dr. João de): 49.
Batalhão (Dr. Carlos): 196.
Beethoven: 21, 42, 51-52, 109, 190, 212-213 e 213-214.
Bessa (Dr. José dos Santos): 32.
Bettecourt (G.º José Cristão de): 369-372.
Botelho (G.º José Justino Beix.º): 4, 26-27, 45-47,
 72-73 e 170-171.
Brahms: 258.
Braudad (Dr. Mario): 192.
Braz (Sup.º Leazar de Moura): 22-23.
Brasil (Jaime): 93-94.
Bustorffs (Os avós): 100.
Byron: 96-97.
Calveçadas (José Mendes), almirante: 153-154 e
 230-231.
Caleral (Fulano...), papat.º de ruas de S. Bento:
 238-239.
Caetano (Marcelo): 224-225.
Caggiari (Julio): 190-191.
Callot (Jacques): 111-112.
Cauões (D. Dionísia): 95.

- Campos (D. 119.º do Saude Aires de) : 181-83
- Canto (Franc.º Bernardo do), Gen.º : 103
- Carmona (Arit.º Oscar de Figueiredo) : 57, 261.
- Carreira (Guilherme), car.º : 91-92
- Carrel (Alexis) : 186-187.
- Carvalho (Dr. Anselmo Ferraz de) : 169-170 e 188.
- " (Ant.º Pileiro de) : 171-172.
- " (Dr. Joazeim de) : 37, 37-39, 113-115, 137-138, 149, 150-151, 155, 203-205
- Casimiro (Augusto) : 16-19, 70 e 114.
- Castro (Baltazar de) : 207.
- " (Ferreira de), romancista : 18.
- " (Júes de) : 41.
- " (João Passos Per.º de) : 177-178.
- " (Martim Afonso de) : 33-35.
- Cavatheiro (Rodrigues) : 123-127.
- Cerejeira (Manuel Gonçalves) : 133-134.
- Ciraculmick (Charles) : violinista : 190-191.
- Coelho (Possidonio Laraijo) : 124.
- Cordeiro (Dr. José Pedro Leite), Prof.º Curricularo : 154
- Correia (P.º Manuel Alves) : 238-237.
- " (Dr. Maximino) : 38-39 e 40
- " (Dr. Vergilio) : 206-207
- Costa (Dr. Afonso Aug.º da) : 59.
- " (Almeida), Prof.º : 228-229.

- Costa (Fernando dos Santos): 70, 116-117.
 " (João Manuel da): 121.
 " (Mario), oficial do ex.^o: 47-48.
 " (Sequeira), pianista: 42.
- Coutinho (Carlos Gago): 22.
 " (Vitor Hugo de Azevedo): 56.
- Cristo (Franc.^o M.^{el} Plomeu): 209.
- Cruz (Ivo): 55-56 e 255.
- Cunha (dr. Paulo): 132-134.
- Dantas (dr. Julio): 60-61, 110-111, 113-115, 132-135
 e 138.
- Delgado (Humberto), general: 209-212.
- Dias (Gastão de Sousa): 61-66.
 " (Jaime Lopes): 49 e 124.
 " (dr. João Pereira): 188.
- Dionísio (dr. Santana): 139.
- Donatô (José Ernesto Marques): 157.
- Doré (Gustavo): 112.
- Duvernier: 112.
- Eden (Antony): 109.
- Estêves (Paul): 1-3, 56-58 e 59.
- Fernandes (dr. Vasco da Gama): 215.
- Ferrão (d. Julieta): 123-127.
- Ferreira (dr. Ant.^o Aurelio da Costa): 212 e 277.
- Ferre (Antônio): 139.
- Figueiredo (Ant.^o Merquita): 21-22 e 75-77.

- Figueredo { Luis de Moura } : 196-200
 " { dr. Maximo de } : 224.
Galvão { Vitorino Peres Furtado } : 70
Garrett : 9-10
Gieseking { Walter } : pianista : 21.
Gomes { Alberico de Alu.^{2a} } : 30-31.
 " { Manuel Veix.^o } : 278.
 " { Sousa }, general : 193.
Gonçalves { Ant.^o Augusto } : 41, 112, 206-207, 265-267.
 " { P.^o Ant.^o Vaqueira } : 158, 226-227.
 " { Aureando Leal } : 157-159.
Graca { Fernando Lopes } : 174.
Guimarães { Julio }, liriceiro : 55.
 " { Vitorino } : 56 e 58-59.
Haendel, violinista : 253-254.
Haydn : 55-56.
Honegger : musico : 120-121
Humberto, rei de Italia deposto : 175-176.
Isabel, rainha de Portugal : 1-3.
Junqueiro { Guerra } : 216-218.
Leal { Gomes } : 216
Leite { Fernando de Oliv.^a } : 70
Lemos { Alvaro Vieira de } : 214 e 217.
 " { Silveira } : 56
Lima { Ana Maria do Sousa } : 16, 24-25, 42-43,
 61-62, 82-84 e 207.

- Lima {Antonio}: 62-64.
- " {Cristovão de Sousa}: 24, 83, 95 e 172-174.
- " {Fleuriq. Ferreira}: 72, 122-127, 134 e 135.
- " {João Guaypelista Campos}: 50-51.
- " {M.^o Helena de Sousa}: 82-84 e 95.
- " {Maria Lina Ferreira}: 9-10, 123-127.
- " {Pires de Lima, ministro}: 110, 132.
- Lino {Paul}: 239-240 e 240.
- Loiola {Juacis de}: 94.
- Lopes {Franc.^o Flipino Graucio}: 80, 151-152, 153-154, 225-226 e 230-231.
- " {João}, capitão: 93
- Lucas {Ant.^o de Carvalho}, advogado: 156-159, 160-7.
- Macedo {Luis Pastor de}: 124-125.
- Machado {Dr. Bernardino}: 211-212.
- Madalril {Ant.^o Gomes da Rocha}: 55.
- Mathôa {José}: 240-243.
- Mariano {Olegario}: 49-50.
- Marta {Ant.^o Alegre}: 158.
- " { " Luis}: 157.
- Martins {Buceta}, general: 7.
- Matã {José Casiro da}: 129-130 e 132.
- Matos {Gastão de Melo de}: 3-6, 19-20 e 26.
- " {José M.^o Mendes Norton de}: 147-148, 170-71
- Mayer {Radolfo}, actor brasil.^o: 187-188.
- Melo {Arnaldo de}, brigad.^o: 103.

- Melo { D. Franc.^o Manuel de } : 277.
 " { Henrique de }, brigad.^o : 271
 " { Vicente Pinh.^o de } : 278.
Medes - France : 109.
Mezeres { Carv.^o }, car.^o da A.M. : 26-27 e 44-45.
Miranda { Osiri Bernardino de } : 277.
 " { Paul Verdades de Oliv.^o } : 149-150.
Monte { José Ferreira } : 84-85.
Monteiro { Alberto dos Santos Pereira } : 70
 " { Henrique Dires } : 1, 22, 26-27, 29-30,
 44-48, 57, 62-66, 107, 113 e 170-172.
Marais { Alberto Faria de } : 6, 26, 65-66 e 68-69.
Mota { Luis José da } : 271-272.
Nezereiros { Trijo de }, ministro : 2
Nehru { Paudit } : 91-92.
Neuésio { Vitorino } : 93-94 e 117-118.
Neves { Ant.^o José Gonçalves } : 266-267
Nolrega { P.^o Manuel da } : 94.
Nuno { D. Duarte } : 117.
Oliveira { Alcide de } : 151-152
 " { José Osorio de } : 244.
 " { Julio de }, general : 56.
 " { Luis Alberto de } : 275-276.
Paco de Arcos { Joaquim } : 118-119.
Pais { Alberto da Silva } : 10-16 e 36.
 " { Sidonio } : 15-16 e 36.

- Palmeiro {Morais}: violoncelista: 191.
- Papaça {Alberto Macedo}: 50.
- Pascoais {Teixeira de}: 113-115 e 138.
- Pedro I (Dom), rei: 204.
- Pedroso {D. Beatriz}: 275 e 276.
- Peixoto {Jorge}, licenciado em Letras: 202 e 228.
- Pereira {Agostinho Seguro}: 69-71.
- " {Alberto Dias}, Prof.^{ca}: 156-159.
- Peres {Dr. Damião}: 140-141.
- Peron {Juan}, da Argentina: 231 e 249.
- Pestana {Ernesto Nogueira}: 32-35.
- Pinheiro {Rafael Bordalo}: 112.
- Pinto {Adolfo Aleranches}, gen.^{al}: 32, 89-90.
- " {Alberto de Moura}: 81-82.
- Pope {Ernesto}: 56 e 59.
- Quaresma {Dono da "Tipogr. Coimbra."): 150,
152-153.
- Queiroz {Barros}, advogado: 50.
- " {Franc. Teixeira de}, juiz: 155.
- Ramos {Dr. João de Deus}: 49-51.
- Rebordão {Luis Goncalves}: 108.
- Reis {Dr. Albino dos}: 110.
- " {Dr. José Alberto dos}: 276.
- " {Dr. Luis da Camara}: 127-128.
- Rezas {Dr. Moura}: 32.
- Ribeiro {Aquilino}: 18 e 49-50.

- Ribeiro {Holder Arm.^{do} dos Santos}: 148
 " {Leis da Silva}: 167-169.
Rocha {André Cerabé}: 9
Rodrigues {Agafito Pedron}: 178, 272-279.
 " {Dr. Ant.^o Luis da Costa}: 34-35.
 " {José Filipe de Barros}: 48, 67, 73-74.
 " {Sarmento}: 80
 " {Valentim José}: 273, 275-76.
Sa {Octaviano de}: 202.
 " {Pedro de Moura e}: 194-196
Salazar {Ant.^o de Oliv.^o}: 57-58, 79-80, 121, 158,
 160-167, 225-226 e 260.
Salgueiro {Manuel Brind.^o}: arcebispo de Mililê.
 ue: 134.
Saude {José Fernandes de Naronha e}: 135-136.
Santos {Abilio Sup.^o dos}, comerciante: 157
 " {Carlos M.^o Pereira dos}: 268-269 e 271.
 " {Franc.^o Barja dos}: 179-180
 " {Flemenerico Barja dos}: 179-180
 " {Luis dos Reis}: 48, 189, 208, 262-263.
 " {Reinaldo dos}: 128-121 e 207.
Sebastian {Georges}: maestro: 258.
Silva {Dr. Adão e}: advogado: 153-154.
 " {Albino Caet.^o da}: 132 e 179.
 " {Frederico Lopes da}: 70
 " {Henriq. Gomes da}, carpinteiro: 207.

- Silva { João Caetano de } : 88 e 112.
 " { M.^{el} Caetano da } : 200-202.
 " { Nogueira da } : 112.
Silveira { Luis } : violinista : 235.
Simões { João } : industrial : 160-167.
 " { " Gaspar } : 18 e 267.
 " { Nuno } : 155.
Soares { Arnibal } : 211-212.
 " { Dr. Torcato de Sousa } : 154-155.
Sousa { Dr. Abel de Almeida e } : 193.
Schajkowsky : 258.
Seixeira { Anjos }, filho : 234-237.
Targa { Miguel } : 23-24, 27-28, 186-187 e 202-203.
Treposto { Falcão }, pintor : 253.
Trincão { Dr. Mario Simões } : 40-41 e 155-156.
Ulrich { Dr. Rui Nunes } : 133-134.
Urbano { João Dias }, engenheiro : 158.
Vargas { Getulio } : 90-91.
Vasconcelos { José Aup.^{to} Pereira de } : 220-225.
 " { D. Manuel de } : 160-167.
Vaz { Julio } Junior : escultor : 235-237.
Veiga { Dr. Alberto Baeta da } : 34 e 183.
 " { Heliodoro } : 192.
 " { Dr. Paulo } : 192-193.
Vieira { Afonso Lopes } : 41.
 " { Joel }, brigad.^o : 90.

- Vilhena (Sr. Julio Marques de) : 231-234
Vivaldi (Antonio) : muricos, rec.º 17.º-18.º : 174-175.

III

Varia:

- A.B.C., jornal espanhol : 261.
Alrautes : 249.
Academia das Ciencias de Lx. : 113-115 e 131-135.
Aldeia-das-Dez : 264-265.
Algarve (Excursão ao) : 1954 : 142-143
Aljubarrotá : comemorações : 86
Equipos de Coimbra (Grupo de) : 156-159, 160-167
Aniversarios (Os meus) : 98-107 (em 1954); e 250 (em 1955).
 " da Proclamação da Republica : 107-108 e 108 (em 1954); e 251 (em 1955).
Arquitectura moderna : 239-240 e 240.
Arquivo da Universidade : 191-192 e 192-193.
 " de Bibliografia Portuguesa : 200-202, 250
Auto Pastoral, de Pedroso Rodrigues; 278.
Azenhas do Mar : 97-98.
Barreiro : 52

Batalhão « Vasco da Gama » : 92-93

Batalhões académicos de Coimbra : 28-29.

Biblioteca da Univ. de Coimbra : as minhas ofertas : 228.
229.

Boletim da Biblioteca da Univ. de Coimbra : 85.

Caldas da Rainha : 240-243.

Câmara Municipal de Lx. : 122-127.

Campo (O) de S. Paulo, romance : 93-94.

Cancioneiro Popular de Miranda do Corvo : 23-
24 e 27-28.

Caparica, praia : 53-54.

Capricios : 20 e 254.

Capuchos, Caparica : 53-54.

Castelo do Bode — 248.

Causa Republicana : 153-154.

Cidade (A) e as Terras, de Eça de S.º : 135-136.

Cinquenta anos depois : 100

Círculo de Cultura Musical : 119-121 e 120.

Coimbra : Biblioteca da Univ. de Coimbra : as minhas
ofertas : 29-30, 31 e 215-216.

" : Cidade Universitária : 203-204.

" : estatua de Joaq.^{me} Ant.^o de Aguiar : 94.

" : Grupo dos Amigos de Coimbra : vide
Amigos de C.^{ura}

" : Lapa dos Esteios : 24-25

" : Museu de Etnografia : 41.

- Cimbrã: Museu de Machado de Castro: 41, 48,
206-208, 252-253.
- " : Sueirna das fitas (1955): 206-208
- " : Sueirna das Lagrimas: 24-25.
- " : Prairna Santa, festas: 77-78.
- " : Barre de Aluedina: 41-42.
- " : Universid.: Sala dos Capelos: 202-203.
- Colegio Militar: 172-174.
- Collegium Musicum Italicum: 174-175.
- Cornauo (O meu) em Inf.^a n.^o 7: 103.
- Comercio do Porto: 29.
- Comissao de Hist.^a Militar: 4-5, 26-27, 30, 44-
47 e 71-73.
- Companhia de Jesus: 58, 94, 226 e 251.
- Concertos: 253, 255 e 258.
- Conferencia dos Nove, 1954: 108-109.
- Corpo de Deus (Procissao de): 212-213 (Em 1955)
- Ditadores: 90-91
- Ditaduras: 249.
- Doencas: 251.
- Escola Livre das Artes do Desenho: 41.
- " Pratica de Infantaria: 91-93.
- Escritorio (O meu): 229.
- Esquadra americana: Set.^o 1954: 95-96.
- Estavel: 53 e 54.
- Exercito (O) e a situacao politica: 150-151.

- Família {Recordações de}: 256-258.
- Fátima {Senhora de}: 35, 86-87, 93 e 130-131.
- Fausto, opera de Gounod: 8.
- Figueira da Foz: Carrino Peninsular: 190-191.
- Filarmónicas "Fidelidade", da Aldeia das Dez:
264-265.
- Foot-Ball (O): 185-186 e 217.
- Foz do Arelho: 243-245.
- Garrett {Cautivo de}: 110-111, 112-113, 121,
122-127, 128-130 e 131-135.
- Generalato {Exames p.^o}: 271-272.
- Gibraltar: 1-3.
- Gais: 34 e 183.
- Grupo de Desportos de Coimbra: ver Amigos
- " " " " Oliveira: 1-3.
- " " Metralhadoras n.º 2, Coimbr.: 69-71.
- Guia de Portugal, 3.^o vol.^o: 139.
- História das ideias: 102-104.
- " de Portugal, ed.^o de Barcelos: 140-141.
- Homme (L'), cel-unknown, de A. Carrel: 186-187.
- Índia {A questão da}: 79-80, 86-87 e 91-93.
- Inglêses {Hábitos, carácter dos}: 243-245.
- Instituto (O) de Coimbra: 154-155, 169-170 e 188.
- " Françês, de Lx.^a: 9.
- " Geográfico e Cadastral: 3
- " Histórico da Ilha Terceira: 168

- Instituto Inglês, em Lisboa : 117-118.
- Jornal, de Vasco da Gama Fernandes : 215.
- Lei da reparação, em 1915 : 59.
- Lisboa : generalidades : 135-136, 159-160 e 252.
- " : impressões : 237
- " : a miséria : 176-177.
- " : pregões : 176.
- " : Teatro de S. Carlos : 174-175.
- Livraria Camões, em Lx.^a : 55.
- Leiria : 78.
- Luso : Temporada em : 247-249.
- Malhão {Exposições} em 1955 : 240-243.
- Mãos {Os} de Euclidice, de Bloch, Brasil.^o : 187.
- Máquina eléctrica de barbear : 80
- Memórias {Os minhas} : 105, 259-260
- Mestre de Ariz {Alcunha de} : 71.
- Miranda do Corvo : 78-79, 196-199 e 199-200.
- " " " {Os meus estudos sobre} : 196-199 e 200-202.
- " " " {Tipografia de M.^o Caet.^o de Zilva em} : 200-202
- Moudego {Caveiros do} : 24.
- Monte de Caparica : 53-54.
- Museu de João de Deus, em Lx.^a : 49-51.
- Música : 253 e 258.
- Nápoles visto por Balzac : 84-85.

Obidos : 245.

Oliveira : 1-2.

Orquestra Filarmónica de Lx. : 55-56 e 255.

" Sinfónica do Porto : 212-213 e 213.

" " Nacional : 19, 51-52 e 258.

Pamplona (Arfeão de) : 120-121.

Paz, Maria : 79, 98, 135-136, 229, 230, 247 e 250.

Penacova : 248.

Perriche : 245-246.

Perú (Ministro do) em Portugal : 114.

Portalegre : centên.º : 85.

Povo (O) de Aveiro : 202

Praia das Maçãs : 97.

Primeiro (O) de Janeiro : 93, 147, 153 e 228.

Reacção Ultramontana : 40, 41-42, 86-87, 92-93, 130-131, 132-134, 152, 212-213, 251 e 246-247.

Recomposição ministerial em 1955 : 225

Republica, diário de Lx.º : 39, 94 e 228.

" , aniversário da : 107-108 (em 1954).

Restauração monárquica : 261, 224-225

Revista da Universidade : 37, 138, 149 e 150-151

" Militar : 1, 22, 44, 47, 56-61 e 170-171.

Ribeira (S.ª da Nazaré da) : 87-88.

Salamanca (Universid. de) : 37-39.

Saldanha (O meu trab.º pobre) : 3-6, 26-27, 37-38, 44-49, 66-69, 72-75, 89-90, 104-105, 137-138

149, 150-151, 152-153 e 205.

São-Paulo {Cautem.^o da cidade de}: 154-155.

Seara Nova: 127-128.

Senhora da Candeia, Serpius: 184

" " Conceição: 130-131.

" " Nazare: vide Pileira.

" de Fátima: " Fátima

" do Faro: Valença: 88-89.

Serem [Pensado do]: 139-140

Sinfonia Pastoral, de Beethoven: 109.

Sintra: 95-97.

Situação política: 151-152, 230-231, 238-239 e
151-152.

Sociedade «Coral de Duarte Lobo»: 55-56.

" histórica da Independência de Portu-
gal: 19-20 e 149-150.

Tanhäuser, ópera: 152.

Terras do Mondego: 23.

Tertúlia em projecto: 226-227.

Terras Vedras: região de: 126-127

Traviata, de Verdi: 202.

Uma tipografia ignorada: 250

Valença do Minho: 30-31.

Vertice, revista: 84-85.

Vida militar [A m.^a vida]: 98-107

" trauguita: 126-127, e 139-140.